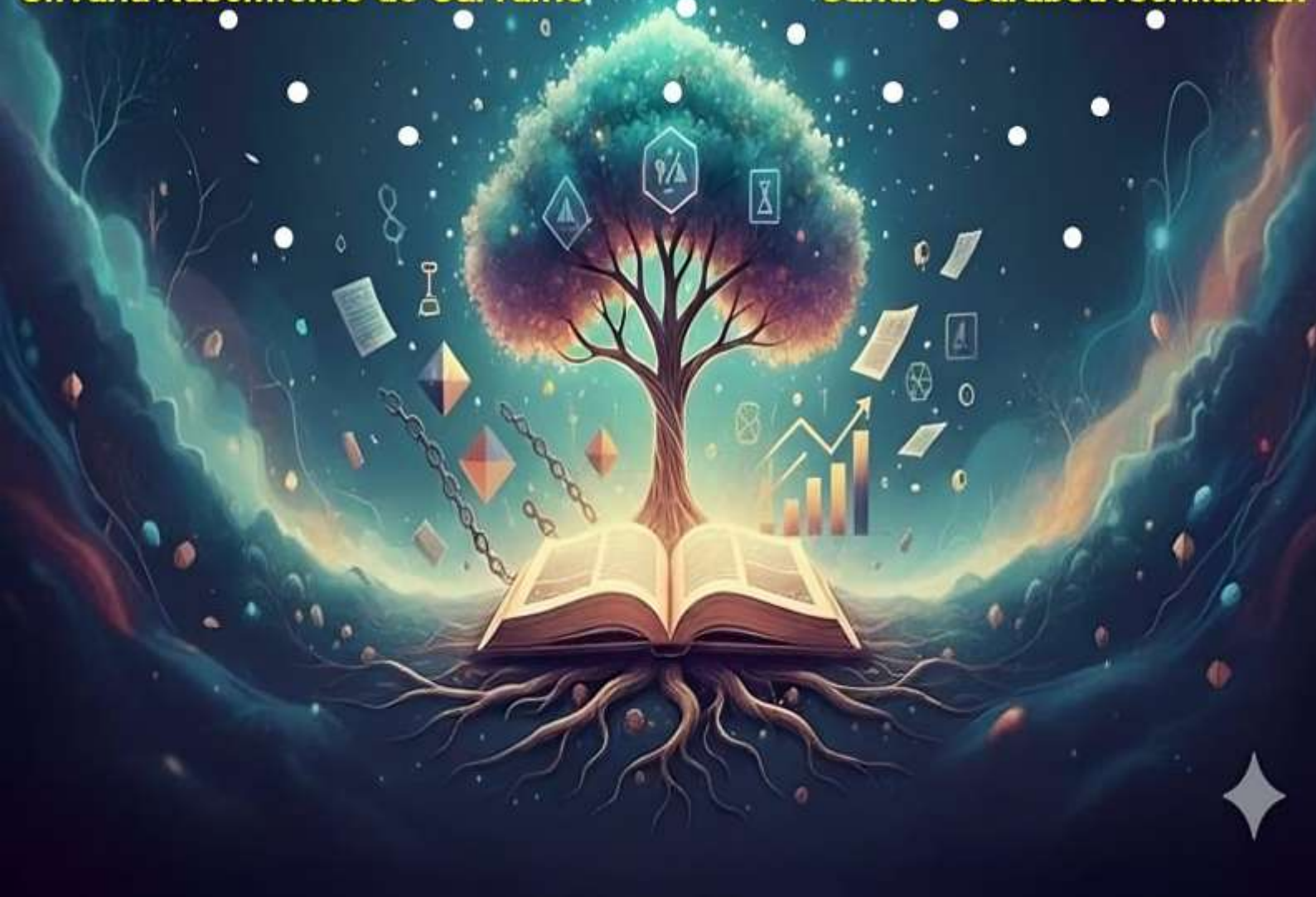
# DIVERSIDADE SOCIAL

COMO A DESIGUALDADE DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE SOCIAL É ABORDRADD EM ARTIGOS CIENTFICOS

Gabriel Nascimento de Carvalho
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Juliana Balta Ferreira
Silvana Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian



# DIVERSIDADE SOCIAL: COMO A DESIGUALDADE DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE SOCIAL É ABORDADA EM ARTIGOS CIENTÍFICOS.

*Gabriel Nascimento de Carvalho*
*Simone Helen Drumond Ischkanian*
*Gladys Nogueira Cabral*
*Juliana Balta Ferreira*
*Silvana Nascimento de Carvalho*
*Sandro Garabed Ischkanian*

A diversidade social constitui um campo de análise central nas ciências sociais, particularmente quando se consideram as intersecções entre gênero, raça e classe social como categorias estruturantes da vida social. A literatura científica tem demonstrado que essas desigualdades não se manifestam isoladamente, mas de forma articulada, produzindo efeitos específicos sobre grupos sociais historicamente marginalizados. Autoras feministas como Patricia Hill Collins (2015) e Angela Davis (2016) destacam que as opressões de gênero, raça e classe devem ser analisadas em conjunto, pois a compreensão fragmentada limita o alcance crítico das pesquisas. No Brasil, pensadoras como Lélia Gonzalez (1984) e Kabenguele Munanga (2004) apontam para as particularidades do racismo à brasileira e seus impactos na constituição de identidades e oportunidades sociais, reforçando a relevância da perspectiva interseccional no contexto nacional. Ao mesmo tempo, contribuições de teóricos como Pierre Bourdieu (1989) e Bell Hooks (1984) oferecem ferramentas conceituais para compreender o poder simbólico e as formas de dominação reproduzidas nas práticas cotidianas e institucionais. No campo do trabalho, estudos como os de Hirata e Kergoat (1994), Maruani e Meron (2016) e relatórios da Organização Internacional do Trabalho (2005) evidenciam como a divisão sexual e racial do trabalho ainda configura barreiras estruturais à igualdade, com destaque para a desvalorização do trabalho doméstico. Do ponto de vista metodológico, a análise da diversidade social exige a combinação de abordagens qualitativas e quantitativas, conforme orientam Creswell (2021), Gil (2008; 2018), Lakatos e Marconi (2010; 2017), bem como Richardson (1999) e Quivy e Campenhoudt (2008). Essas obras reforçam a importância da pesquisa bibliográfica e documental como estratégias de sistematização e reflexão crítica, fundamentais para compreender as dinâmicas históricas e culturais que sustentam as desigualdades. Autores como Thompson (1988; 2001), Marx e Engels (1980) e Löwy (1998) ampliam a discussão ao relacionar a análise de classe a processos históricos e econômicos que se articulam à opressão racial e de gênero. A produção acadêmica sobre diversidade social evidencia, portanto, que as desigualdades de gênero, raça e classe não apenas limitam o acesso a recursos materiais e simbólicos, mas também sustentam estruturas de dominação que precisam ser constantemente questionadas e transformadas. As pesquisas analisadas apontam para a necessidade de um compromisso ético-político com a superação dessas hierarquias, reforçando a importância da interseccionalidade como categoria de análise e de ação. O diálogo entre perspectivas feministas, marxistas e críticas pós-coloniais mostra-se essencial para a construção de sociedades mais justas e igualitárias.

**Palavras-chave:** Diversidade social; desigualdade de gênero; desigualdade racial; classe social; interseccionalidade.

# SOCIAL DIVERSITY: HOW GENDER, RACE, AND CLASS INEQUALITY ARE ADDRESSED IN SCIENTIFIC ARTICLES.

*Gabriel Nascimento de Carvalho*
*Simone Helen Drumond Ischkanian*
*Gladys Nogueira Cabral*
*Juliana Balta Ferreira*
*Silvana Nascimento de Carvalho*
*Sandro Garabed Ischkanian*

Social diversity constitutes a central field of analysis in the social sciences, particularly when considering the intersections of gender, race, and social class as structuring categories of social life. Scientific literature has shown that these inequalities do not manifest themselves in isolation, but rather in an articulated manner, producing specific effects on historically marginalized social groups. Feminist authors such as Patricia Hill Collins (2015) and Angela Davis (2016) highlight that the oppressions of gender, race, and class must be analyzed together, since fragmented understanding limits the critical scope of research. In Brazil, thinkers such as Lélia Gonzalez (1984) and Kabenguele Munanga (2004) point to the specificities of Brazilian racism and its impacts on the constitution of identities and social opportunities, reinforcing the relevance of the intersectional perspective in the national context. At the same time, contributions from theorists such as Pierre Bourdieu (1989) and Bell Hooks (1984) offer conceptual tools to understand symbolic power and the forms of domination reproduced in everyday and institutional practices. In the field of labor, studies such as those by Hirata and Kergoat (1994), Maruani and Meron (2016), and reports from the International Labour Organization (2005) show how the sexual and racial division of labor still constitutes structural barriers to equality, with particular emphasis on the undervaluation of domestic work. From a methodological perspective, the analysis of social diversity requires the combination of qualitative and quantitative approaches, as guided by Creswell (2021), Gil (2008; 2018), Lakatos and Marconi (2010; 2017), as well as Richardson (1999) and Quivy and Campenhoudt (2008). These works reinforce the importance of bibliographic and documentary research as strategies for systematization and critical reflection, which are fundamental for understanding the historical and cultural dynamics that sustain inequalities. Authors such as Thompson (1988; 2001), Marx and Engels (1980), and Löwy (1998) broaden the discussion by relating class analysis to historical and economic processes that articulate with racial and gender oppression. Academic production on social diversity thus demonstrates that gender, race, and class inequalities not only limit access to material and symbolic resources but also sustain structures of domination that must be constantly questioned and transformed. The studies analyzed point to the need for an ethical-political commitment to overcoming these hierarchies, reinforcing the importance of intersectionality as both a category of analysis and a category of action. In this context, dialogue between feminist, Marxist, and postcolonial perspectives proves essential for building more just and egalitarian societies.

**Keywords:** Social diversity; gender inequality; racial inequality; social class; intersectionality.

# DIVERSIDAD SOCIAL: CÓMO SE ABORDAN LAS DESIGUALDADES DE GÉNERO, RAZA Y CLASE SOCIAL EN LOS ARTÍCULOS CIENTÍFICOS.

*Gabriel Nascimento de Carvalho*
*Simone Helen Drumond Ischkanian*
*Gladys Nogueira Cabral*
*Juliana Balta Ferreira*
*Silvana Nascimento de Carvalho*
*Sandro Garabed Ischkanian*

La diversidad social constituye un campo de análisis central en las ciencias sociales, particularmente cuando se consideran las intersecciones entre género, raza y clase social como categorías estructurantes de la vida social. La literatura científica ha demostrado que estas desigualdades no se manifiestan de manera aislada, sino de forma articulada, produciendo efectos específicos sobre grupos sociales históricamente marginados. Autoras feministas como Patricia Hill Collins (2015) y Angela Davis (2016) destacan que las opresiones de género, raza y clase deben analizarse en conjunto, ya que una comprensión fragmentada limita el alcance crítico de las investigaciones. En Brasil, pensadoras como Lélia Gonzalez (1984) y Kabenguele Munanga (2004) señalan las particularidades del racismo a la brasileña y sus impactos en la constitución de identidades y oportunidades sociales, reforzando la relevancia de la perspectiva interseccional en el contexto nacional. Al mismo tiempo, contribuciones de teóricos como Pierre Bourdieu (1989) y Bell Hooks (1984) ofrecen herramientas conceptuales para comprender el poder simbólico y las formas de dominación reproducidas en las prácticas cotidianas e institucionales. En el ámbito laboral, estudios como los de Hirata y Kergoat (1994), Maruani y Meron (2016) y los informes de la Organización Internacional del Trabajo (2005) evidencian cómo la división sexual y racial del trabajo todavía configura barreras estructurales para la igualdad, con especial énfasis en la desvalorización del trabajo doméstico. Desde el punto de vista metodológico, el análisis de la diversidad social exige la combinación de enfoques cualitativos y cuantitativos, tal como orientan Creswell (2021), Gil (2008; 2018), Lakatos y Marconi (2010; 2017), así como Richardson (1999) y Quivy y Campenhoudt (2008). Estas obras refuerzan la importancia de la investigación bibliográfica y documental como estrategias de sistematización y reflexión crítica, fundamentales para comprender las dinámicas históricas y culturales que sostienen las desigualdades. Autores como Thompson (1988; 2001), Marx y Engels (1980) y Löwy (1998) amplían la discusión al relacionar el análisis de clase con procesos históricos y económicos que se articulan con la opresión racial y de género. La producción académica sobre diversidad social evidencia, por lo tanto, que las desigualdades de género, raza y clase no solo limitan el acceso a los recursos materiales y simbólicos, sino que también sostienen estructuras de dominación que deben ser cuestionadas y transformadas constantemente. Las investigaciones analizadas apuntan a la necesidad de un compromiso ético-político con la superación de estas jerarquías, reforzando la importancia de la interseccionalidad como categoría de análisis y de acción. En este contexto, el diálogo entre perspectivas feministas, marxistas y críticas poscoloniales resulta esencial para la construcción de sociedades más justas e igualitarias.

**Palabras clave:** Diversidad social; desigualdad de género; desigualdad racial; clase social; interseccionalidad.

# DIVERSIDADE SOCIAL: COMO A DESIGUALDADE DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE SOCIAL É ABORDADA EM ARTIGOS CIENTÍFICOS.

*Gabriel Nascimento de Carvalho*
*Simone Helen Drumond Ischkanian*
*Gladys Nogueira Cabral*
*Juliana Balta Ferreira*
*Silvana Nascimento de Carvalho*
*Sandro Garabed Ischkanian*

## 1. INTRODUÇÃO

Em artigos científicos, a desigualdade de gênero, raça e classe social é abordada de forma multifacetada, com a interseccionalidade sendo a principal perspectiva analítica que ganhou destaque nas últimas décadas (Collins, 2015; Davis, 2016). Pesquisas mostram que essas categorias não atuam de forma isolada, mas se entrecruzam para produzir formas específicas e combinadas de opressão e privilégio.

A interseccionalidade, conceito popularizado por Kimberlé Crenshaw, tornou-se uma ferramenta indispensável para compreender desigualdades complexas (Crenshaw, 1989; Collins, 2015). Isso porque indivíduos em posições sociais específicas, como mulheres negras e pobres, enfrentam múltiplas barreiras que se reforçam mutuamente em experiências únicas de marginalização.

Essa perspectiva tem sido aplicada para analisar estruturas sociais que se originam no patriarcado e na escravidão, ainda presentes no Brasil contemporâneo (Gonzalez, 1984; Munanga, 2004). Estudos apontam que tais estruturas permanecem atuantes na distribuição desigual de recursos e oportunidades, reproduzindo exclusões históricas e moldando as trajetórias de vida de indivíduos e grupos sociais. O racismo, nesse contexto, não é apenas um conjunto de atitudes individuais ou preconceitos isolados, mas uma articulação ideológica complexa que se manifesta em práticas sociais, econômicas e políticas, funcionando como um mecanismo de organização social. Ele se reflete na divisão racial do trabalho, estruturando as oportunidades de emprego e renda de maneira que os grupos racializados historicamente desfavorecidos permanecem em posições subordinadas (Gonzalez, 1979, p.3).

> O racismo enquanto articulação ideológica e conjunto de práticas, denota sua eficácia estrutural na medida em que remete a divisão racial do trabalho, extremamente útil e compartilhado pelas formações socioeconômicas capitalistas e multirraciais contemporâneas. Em termos de manutenção de equilíbrio do sistema como um todo, ele é um dos critérios demaior importância na articulação dos mecanismos de recrutamento para as posições na estrutura de classe e no sistema de estratificação social (Gonzalez, 1979, p.3).

Essa divisão não é neutra, mas estratégica para a manutenção de um sistema capitalista multirracial, pois organiza o recrutamento e a alocação de indivíduos em diferentes níveis da estrutura de classe e da estratificação social. Mulheres negras, por exemplo, são frequentemente colocadas em empregos menos valorizados, de baixa remuneração e com maior informalidade, ilustrando como gênero, raça e classe se intersectam para produzir desvantagens cumulativas (Munanga, 2004; Hirata & Kergoat, 1994). O patriarcado e o legado da escravidão reforçam essas desigualdades, determinando normas culturais, expectativas de comportamento e papéis sociais que limitam a mobilidade e consolidam hierarquias sociais.

Essa articulação estrutural tem impactos simbólicos e psicológicos: ao naturalizar a desigualdade, o racismo e o patriarcado moldam percepções de legitimidade, autoestima e possibilidades de ação dos indivíduos afetados (Collins, 2015; Davis, 2016). Dessa forma, a análise da desigualdade social no Brasil exige compreender como fatores históricos e culturais, aliados a mecanismos econômicos e institucionais, produzem um sistema interligado de opressão, no qual a raça, o gênero e a classe se reforçam mutuamente para reproduzir padrões persistentes de exclusão.

No mercado de trabalho, a interseccionalidade permite revelar as condições mais precárias enfrentadas por determinados grupos sociais (Hirata & Kergoat, 1994; OIT, 2005). Evidências demonstram que mulheres negras são as mais afetadas por baixos salários, desemprego e informalidade, compondo o grupo mais vulnerável em termos de direitos trabalhistas.

A perspectiva interseccional também desafia o conhecimento acadêmico a abandonar visões universalistas sobre categorias sociais (Collins, 2015; Hooks, 1984). Essa crítica evidencia que nem todas as mulheres, ou todos os negros, vivenciam as mesmas experiências de exclusão, exigindo análises que considerem as múltiplas camadas da desigualdade.

No que se refere à desigualdade de gênero, a divisão sexual do trabalho ainda é um ponto central nas análises (Hirata & Kergoat, 1994; Maruani & Meron, 2016). Pesquisas revelam que, mesmo inseridas no mercado formal, as mulheres seguem sobrecarregadas com as tarefas domésticas e de cuidado, o que restringe sua participação em outras esferas sociais.

Outra dimensão estudada é a discriminação no mercado formal, que perpetua desigualdades salariais e ocupacionais (Davis, 2016; OIT, 2005). A maternidade, em particular, é frequentemente identificada como um fator de penalização, resultando em menores chances de ascensão profissional.

Pesquisas mais recentes exploram ainda os impactos neurológicos e psicológicos da desigualdade de gênero (Collins, 2015; Bourdieu, 1989). Há indícios de que a exposição contínua

à violência e ao estresse social pode afetar a saúde mental e física das mulheres, gerando consequências de longo prazo.

Em relação à desigualdade racial, o racismo estrutural é reconhecido como elemento constitutivo da sociedade brasileira (Gonzalez, 1984; Munanga, 2004). Esse fenômeno está presente nas esferas da educação, emprego, saúde e segurança pública, consolidando barreiras para a população negra.

No mercado de trabalho, a discriminação racial persiste independentemente da escolaridade alcançada (Hofbauer, 2003; Santos, 2015). Estudos mostram que negros e pardos recebem salários menores e têm menor acesso a cargos de prestígio, mesmo quando apresentam o mesmo nível de qualificação que trabalhadores brancos.

A violência também revela a brutalidade da desigualdade racial (Nogueira, 1998; IPEA, 2018). O Atlas da Violência aponta que jovens negros são desproporcionalmente vítimas de homicídios e ações policiais, refletindo a face mais letal do racismo estrutural no Brasil.

Quanto à desigualdade de classe, os referenciais marxistas continuam sendo fundamentais para explicá-la (Marx & Engels, 1980; Thompson, 1988). A exploração e a concentração de renda resultam da luta entre proprietários dos meios de produção e trabalhadores, sendo essa a base das desigualdades sociais.

A análise da estratificação e da mobilidade social demonstra como as camadas mais pobres enfrentam barreiras estruturais para ascender socialmente (Thompson, 2001; Löwy, 1998). Pesquisas destacam que essas barreiras se articulam com desigualdades raciais e de gênero, limitando ainda mais as possibilidades de mudança de status.

Para além da renda, autores como Max Weber destacam que prestígio e poder também são dimensões centrais da desigualdade (Bourdieu, 1989; Weber, 1999). Assim, as hierarquias sociais se reproduzem não apenas no campo econômico, mas também no simbólico e cultural.

No Brasil, a produção científica sobre desigualdade tem sido consistente ao longo das últimas décadas (IBGE, 2020; IPEA, 2018). Instituições de pesquisa e universidades oferecem dados e análises que comprovam a persistência de disparidades sociais, tornando visível sua complexidade e múltiplas dimensões. Pesquisas longitudinais e censos demográficos têm permitido mapear diferenças significativas de renda, acesso à educação, saúde e moradia entre diferentes grupos sociais, revelando padrões históricos de exclusão e marginalização. Além disso, estudos acadêmicos analisam como fatores culturais, regionais e institucionais reforçam essas desigualdades, mostrando que não se trata apenas de diferenças econômicas, mas de um fenômeno estrutural e interligado com gênero e raça.

A produção científica também tem sido fundamental para subsidiar políticas públicas e programas sociais, fornecendo informações detalhadas que permitem identificar grupos mais vulneráveis e avaliar a eficácia das ações governamentais. A crescente colaboração entre pesquisadores de diferentes áreas, como sociologia, ciência política, economia e saúde pública, tem ampliado o escopo das análises, permitindo uma compreensão mais abrangente das dinâmicas de desigualdade no país e oferecendo subsídios para intervenções mais eficazes e direcionadas.

Essa produção recente também discute o papel das políticas públicas e da mídia na reprodução das desigualdades (Gonzalez, 1984; Munanga, 2004). Há maior valorização de intelectuais historicamente marginalizados, que contribuem para repensar as estruturas de poder.

Os estudos acadêmicos apontam para a necessidade de um compromisso ético-político na superação das hierarquias de gênero, raça e classe (Collins, 2015; Davis, 2016). Esse compromisso não se limita à formulação de políticas públicas, mas se estende à produção de conhecimento, às práticas institucionais e às atitudes cotidianas que reforçam ou contestam as desigualdades.

A literatura aponta que a transformação social exige a articulação de múltiplas estratégias, incluindo educação crítica, mobilização comunitária, fortalecimento de direitos trabalhistas e ações afirmativas que considerem a interseccionalidade das opressões.

O diálogo entre perspectivas feministas, marxistas e pós-coloniais mostra-se crucial para a construção de sociedades mais justas e igualitárias, pois cada abordagem contribui com análises complementares: o feminismo evidencia as desigualdades de gênero e os trabalhos de cuidado historicamente desvalorizados; a perspectiva marxista enfatiza a relação entre exploração econômica, concentração de riqueza e poder institucional; e as críticas pós-coloniais destacam as marcas históricas da dominação racial e cultural, revelando como o legado do colonialismo continua moldando hierarquias sociais contemporâneas (Collins, 2015; Davis, 2016). Essa articulação teórica e prática reforça a importância de dar visibilidade a vozes historicamente marginalizadas, promovendo a inclusão de saberes e experiências diversas na formulação de políticas, no planejamento de programas sociais e na construção de narrativas acadêmicas mais abrangentes.

A integração dessas perspectivas permite uma compreensão mais complexa e interseccional das desigualdades, reconhecendo que problemas sociais raramente ocorrem isoladamente. Por exemplo, políticas que abordam apenas o gênero sem considerar raça e classe podem ser insuficientes para reduzir efetivamente as desigualdades, uma vez que as barreiras se manifestam de forma combinada. A abordagem integrada também fortalece estratégias de ação coletiva e movimentos sociais, oferecendo ferramentas conceituais para organizar mobilizações mais inclusivas, críticas e eficazes.

BRASIL:
DESIGULAIDADE
DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE.
ARTIGOS CIENTÍFICOS:
FOCO EM POLITICAS
PÚBLICAS E INCLUÇÃO
DIVERSIDATE SOCIAL:
ARTIGOS CIENTÍTICOS
GLOBAL:
GENDER, RACE &
SOCIAL CLASS INEQUALITY
SCIENTIFIC ARTICLES:
CROSS-CULITRAL STUDIES &
& SYSTEMIC ANALYSES
GÊNERO
IGUALADE

## 2. DESENVOLVIMENTO

A diversidade social tem sido objeto de estudo significativo em pesquisas acadêmicas, especialmente por meio da investigação das desigualdades de gênero, raça e classe, que se apresentam como categorias interligadas e determinantes das oportunidades e trajetórias de vida (Collins, 2015; Davis, 2016). A literatura indica que essas desigualdades não existem de forma isolada; pelo contrário, elas se sobrepõem e se combinam, gerando experiências complexas de privilégio e opressão. A abordagem da interseccionalidade tem se destacado como a principal ferramenta teórica para compreender essa realidade multifacetada (Crenshaw, 1989; Munanga, 2004). Pesquisadores enfatizam que os legados históricos do patriarcado e da escravidão ainda moldam fortemente a distribuição de recursos, o acesso à educação, ao trabalho formal e a direitos sociais, perpetuando exclusões estruturais e marginalizações em diversos segmentos da sociedade brasileira (Gonzalez, 1984; Hirata & Kergoat, 1994).

Estudos científicos demonstram que essas desigualdades históricas não atuam isoladamente, mas se articulam com fenômenos contemporâneos de discriminação de gênero e raça, criando formas acumulativas de vulnerabilidade que afetam desproporcionalmente mulheres negras e grupos socialmente marginalizados (OIT, 2005). A literatura evidencia que as condições e causas da pobreza variam significativamente segundo gênero, raça e classe, tornando essas categorias centrais para compreender como os indivíduos vivenciam a desigualdade social, acessam oportunidades e enfrentam barreiras institucionais.

> As diversas formas de discriminação estão fortemente associadas aos fenômenos de exclusão social que dão origem e reproduzem a pobreza. São responsáveis pela superposição de diversostipos de vulnerabilidades e pela criação de poderosas barreiras adicionais para que pessoas e grupos discriminados possam superar a pobreza. Nos últimos anos, tem aumentado o reconhecimento de que as condições e causas da pobreza são diferentes para mulheres e homens, negros e brancos. O gênero e a raça são fatores que determinam, em grande parte, as possibilidades de acesso ao emprego, assim como as condições em que esse se exerce. Desse modo, condicionam também a forma como os indivíduos e as famílias vivenciam a pobreza e conseguem ou não a superar. No Brasil, as discriminações de gênero e raça têm atuado como eixos estruturantes dos padrões de desigualdade e exclusão social. Esta lógica se reflete no mercado de trabalho, no qual as mulheres, especialmente as mulheres negras, vivenciam as situações mais desfavoráveis (OIT, 2005, p.3)

A inter-relação entre patriarcado, racismo estrutural e desigualdade socioeconômica demonstra como a diversidade social deve ser abordada de maneira interseccional nos artigos científicos. Pesquisas mostram que a discriminação de gênero e raça atua como um eixo estruturante da exclusão social, determinando não apenas quem ocupa determinadas posições no mercado de trabalho, mas também a qualidade dessas oportunidades, os níveis salariais, a informalidade e a possibilidade de ascensão profissional (Maruani & Meron, 2016; OIT, 2005).

Mulheres negras, por exemplo, enfrentam simultaneamente barreiras econômicas, sociais e culturais, refletindo como opressões históricas e contemporâneas se combinam para reproduzir desigualdades persistentes.

A produção acadêmica crítica sobre diversidade social não apenas documenta essas disparidades, mas também analisa as estruturas que as sustentam, oferecendo subsídios teóricos e empíricos para políticas públicas, programas de inclusão e estratégias de ação social que busquem reduzir a desigualdade e promover equidade no contexto brasileiro.

Os estudos demonstram que a desigualdade social se manifesta em diversas dimensões, abrangendo não apenas o econômico, mas também o simbólico e o cultural. No mercado de trabalho, por exemplo, mulheres negras enfrentam desafios como salários inferiores, elevada informalidade e menores chances de promoção, resultado da interseção entre gênero, raça e classe (Maruani & Meron, 2016; OIT, 2005). O racismo estrutural atua na organização de funções e tarefas, enquanto o patriarcado estabelece padrões de comportamento e expectativas de gênero que reforçam hierarquias e dificultam a mobilidade social (Gonzalez, 1979; Bourdieu, 1989).

A análise da diversidade social em artigos científicos vai muito além da simples identificação de desigualdades pontuais, pois busca compreender a complexa articulação entre fatores históricos, culturais, econômicos e institucionais que sustentam e reproduzem essas disparidades ao longo do tempo (Collins, 2015; Davis, 2016). Esse tipo de investigação evidencia como legados históricos, como a escravidão e o patriarcado, continuam a influenciar as oportunidades de acesso à educação, emprego, saúde e outros direitos sociais, criando ciclos de exclusão que afetam especialmente mulheres negras, populações periféricas e grupos historicamente marginalizados.

Essa análise permite identificar como diferentes formas de opressão — de gênero, raça e classe — se cruzam e se reforçam mutuamente, exigindo abordagens interseccionais para uma compreensão completa dos processos sociais (Crenshaw, 1989; Hirata & Kergoat, 1994). A partir desse entendimento, é possível gerar conhecimento que sirva de base para a formulação de políticas públicas mais eficazes, para intervenções sociais direcionadas e para práticas institucionais que promovam a inclusão.

A produção acadêmica crítica nesse campo não se limita a descrever as desigualdades existentes, mas também se empenha em propor estratégias concretas para superá-las, promovendo mudanças sociais que favoreçam maior justiça e equidade (Collins, 2015; Davis, 2016). Por meio da análise das interseções entre gênero, raça e classe, os estudos oferecem subsídios para a elaboração de políticas públicas mais eficazes, programas de inclusão social e práticas institucionais que reconheçam a diversidade e combatam discriminações estruturais (Gonzalez,

1984; Munanga, 2004). Essa produção também estimula a reflexão crítica sobre os padrões culturais, históricos e simbólicos que legitimam a exclusão, questionando normas, estereótipos e hierarquias que se perpetuam socialmente.

A pesquisa acadêmica crítica contribui para fortalecer movimentos sociais e iniciativas comunitárias, fornecendo bases teóricas e empíricas que orientam ações coletivas e mobilizações em prol da igualdade (Collins, 2015; Hirata & Kergoat, 1994). Ao evidenciar como as desigualdades se reproduzem em múltiplas esferas — econômica, educacional, política e cultural —, esses estudos incentivam uma abordagem integrada, capaz de articular mudanças estruturais e transformações nas relações sociais cotidianas (Bourdieu, 1989; Maruani & Meron, 2016). Em última análise, a produção científica nesse campo não apenas documenta injustiças, mas também atua como instrumento de intervenção social, capacitando pesquisadores, gestores e cidadãos a construir sociedades mais conscientes, inclusivas e comprometidas com a redução das desigualdades históricas que ainda moldam a vida social contemporânea.

## 2.1. METODOLOGIA DA PESQUISA PARA DELINEAMENTO DO ARTIGO

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico e documental, centrada na análise interpretativa de discursos científicos sobre diversidade social: como a desigualdade de gênero, raça e classe social é abordada em artigos científicos (Creswell, 2021; Gil, 2018). O estudo bibliográfico permite sistematizar e analisar criticamente o conhecimento produzido sobre o tema, identificando padrões, conceitos-chave e lacunas existentes na literatura acadêmica. Já a pesquisa documental possibilita examinar documentos, relatórios e produções científicas relevantes, oferecendo subsídios para compreender como as desigualdades sociais vêm sendo discutidas e interpretadas por diferentes autores.

A escolha por essa abordagem se justifica pela necessidade de compreender significados, sentidos e processos relacionados às desigualdades sociais e suas manifestações no contexto acadêmico, mais do que quantificar dados. A investigação qualitativa busca interpretar a complexidade do fenômeno da diversidade social, considerando as interações entre gênero, raça e classe, bem como os contextos históricos, culturais e institucionais que moldam tais desigualdades (Vergara, 2014). O estudo se concentra na leitura crítica de produções teóricas já consolidadas, permitindo a análise interpretativa de conceitos e argumentos, e favorecendo a reflexão sobre as práticas de inclusão, equidade e justiça social discutidas na literatura.

A metodologia escolhida valoriza a produção acadêmica como fonte de evidência, enfatizando a análise de conteúdo, a categorização de informações e a interpretação de padrões conceituais que emergem dos artigos, livros e documentos selecionados. O estudo bibliográfico e

documental oferece suporte para o delineamento de reflexões críticas e para a construção de um arcabouço teórico robusto, possibilitando compreender de maneira aprofundada como a desigualdade de gênero, raça e classe social é abordada em diferentes contextos acadêmicos e de pesquisa (Creswell, 2021; Gil, 2018; Vergara, 2014).

A metodologia adotada contribui para o desenvolvimento de uma análise detalhada e fundamentada, capaz de integrar perspectivas históricas, teóricas e sociais, favorecendo a compreensão das múltiplas dimensões da diversidade social e das estratégias sugeridas pela literatura científica para promover equidade, inclusão e transformação social.

A pesquisa acadêmica crítica sobre diversidade social contribui significativamente para o fortalecimento de movimentos sociais e iniciativas comunitárias, fornecendo bases teóricas e empíricas que orientam ações coletivas e estratégias de mobilização em prol da igualdade (Collins, 2015; Hirata & Kergoat, 1994). Ao evidenciar como as desigualdades de gênero, raça e classe se reproduzem em múltiplas esferas — econômica, educacional, política e cultural —, esses estudos incentivam uma abordagem integrada que permite articular transformações estruturais e mudanças nas relações sociais cotidianas. A literatura científica aponta que compreender a interseccionalidade dessas desigualdades é essencial para planejar políticas públicas, programas sociais e intervenções institucionais que sejam eficazes e sensíveis às especificidades de grupos historicamente marginalizados.

A produção acadêmica nesse campo não se limita à documentação das injustiças sociais; ela atua como um instrumento de intervenção social, capaz de capacitar pesquisadores, gestores e cidadãos a construir sociedades mais conscientes, inclusivas e comprometidas com a redução das desigualdades históricas que ainda moldam a vida social contemporânea. Ao analisar como artigos científicos abordam as relações entre gênero, raça e classe, é possível identificar padrões de exclusão, barreiras estruturais e estratégias de resistência, contribuindo para um entendimento aprofundado da diversidade social e para a formulação de ações transformadoras. Dessa forma, a pesquisa acadêmica se posiciona como um elemento central para promover equidade, visibilidade e justiça social, evidenciando que o conhecimento crítico é uma ferramenta poderosa para a construção de sociedades mais igualitárias e democráticas.

Quanto ao tipo de pesquisa, optou-se pela investigação bibliográfica, cujo objetivo principal é reunir, sistematizar e analisar a produção científica existente sobre diversidade social: como a desigualdade de gênero, raça e classe social é abordada em artigos científicos (Richardson, 1999; Severino, 2016). Esse tipo de pesquisa fundamenta-se na exploração de obras previamente publicadas, incluindo artigos científicos, livros, dissertações, teses e documentos eletrônicos,

permitindo ao pesquisador mapear conceitos, teorias, metodologias e debates consolidados sobre o tema.

A investigação bibliográfica oferece subsídios essenciais para a construção do referencial teórico e para o desenvolvimento das análises propostas, permitindo compreender o estado da arte da produção acadêmica e identificar lacunas, contradições ou áreas ainda pouco exploradas na literatura (Severino, 2016). Além disso, essa abordagem possibilita que o pesquisador interprete criticamente os discursos científicos, analisando como diferentes autores discutem as intersecções entre gênero, raça e classe, bem como as estratégias sugeridas para reduzir desigualdades e promover equidade social. A sistematização da literatura consultada contribui, para fundamentar teoricamente o estudo, oferecendo uma base sólida para análises interpretativas que considerem os contextos históricos, culturais e sociais que moldam a diversidade e a desigualdade na sociedade contemporânea.

A pesquisa também se caracteriza como documental**,** pois inclui a análise de materiais acessados em bases digitais e científicas que apresentam dados relevantes para a reflexão sobre o objeto de estudo: diversidade social e desigualdade de gênero, raça e classe social em artigos científicos (Lakatos & Marconi, 2010; Quivy & Campenhoudt, 2008). Foram selecionadas obras disponíveis em livros, revistas acadêmicas, jornais e em plataformas reconhecidas, como CAPES, Scopus, Web of Science, SciELO, Academia Edu e Google Acadêmico, com base em critérios de atualidade, pertinência temática e rigor metodológico das publicações.

Essa estratégia metodológica busca garantir a consistência teórica e a relevância dos dados examinados, permitindo ao pesquisador acessar diferentes perspectivas e abordagens sobre o tema, bem como identificar tendências, debates centrais e lacunas na produção científica existente. A pesquisa documental possibilita analisar informações já consolidadas e verificar como os estudos apresentam a interseção entre gênero, raça e classe, suas implicações para a diversidade social e as estratégias sugeridas para a promoção de equidade e inclusão. Essa abordagem permite a construção de uma base sólida para o desenvolvimento de análises críticas, interpretativas e contextualizadas, integrando informações de diferentes fontes para uma compreensão mais aprofundada do fenômeno estudado.

A coleta de dados teve início com o levantamento das palavras-chave mais recorrentes na literatura relacionada à diversidade social e desigualdade de gênero, raça e classe social em artigos científicos (Severino, 2016). Esse mapeamento inicial permitiu identificar termos e conceitos centrais, além de facilitar a localização de publicações relevantes em diferentes bases de dados e repositórios acadêmicos. Por meio dessa etapa, foi possível reunir um conjunto de artigos, livros,

dissertações e documentos que abordam o tema sob perspectivas variadas, garantindo um olhar plural e crítico sobre o fenômeno estudado.

Em seguida, realizou-se uma leitura exploratória dos títulos e resumos, com o objetivo de filtrar os textos mais aderentes aos objetivos da pesquisa. Essa seleção foi baseada em critérios de relevância, qualidade acadêmica e diversidade de enfoques**,** assegurando que os materiais analisados refletissem diferentes abordagens teóricas e metodológicas. A estratégia permitiu delimitar uma amostra representativa da produção científica existente, ao mesmo tempo em que preservou a riqueza de interpretações e debates presentes na literatura. Esse processo estruturado de coleta de dados contribui para a construção de análises fundamentadas e para o desenvolvimento de uma compreensão aprofundada das relações entre gênero, raça e classe social no contexto acadêmico e social contemporâneo.

Após a triagem inicial, os artigos selecionados foram submetidos à leitura analítica**,** com o objetivo de identificar elementos comuns, tensões conceituais e contribuições singulares sobre a temática da diversidade social e das desigualdades de gênero, raça e classe (Sousa, Oliveira & Alves, 2021). A análise dos dados ocorreu por meio da categorização temática e do cruzamento entre os achados, permitindo a construção de uma narrativa que articulasse os principais pontos discutidos na literatura e evidenciasse padrões e variações significativas.

Os procedimentos de análise envolveram a comparação entre as produções localizadas, utilizando categorias definidas a partir dos objetivos específicos da pesquisa (Gil, 2008; Lakatos & Marconi, 2017). Esse cruzamento sistemático possibilitou identificar recorrências e contrastes entre experiências, reflexões e interpretações apresentadas nos textos, destacando aspectos estruturais, pedagógicos e epistemológicos que permeiam o tema. A análise bibliográfica exige do pesquisador um olhar crítico e dialógico, que vá além da simples repetição das ideias expostas, promovendo a interpretação contextualizada e reflexiva dos dados coletados.

Bourdieu, P. (1989) evidencia, por meio do conceito de poder simbólico, como as desigualdades de classe, gênero e raça são naturalizadas e reproduzidas nas práticas cotidianas e instituições sociais, mostrando que elementos simbólicos como prestígio, reconhecimento e legitimação cultural são utilizados para manter hierarquias, o que permite compreender de que maneira tais mecanismos invisíveis sustentam estruturas de desigualdade que ainda permeiam a vida social e são abordadas em artigos científicos sobre diversidade social.

Collins, P. H. (2015) defende a análise interseccional de raça, classe e gênero, demonstrando que essas formas de opressão não podem ser entendidas isoladamente, pois se entrecruzam para produzir experiências únicas de marginalização; sua obra fundamenta a compreensão das desigualdades complexas que os artigos científicos buscam analisar, fornecendo

categorias analíticas que permitem interpretar as sobreposições de vulnerabilidade e privilégio em diferentes grupos sociais.

Creswell, J. W. (2021) oferece fundamentos metodológicos para a realização de pesquisas qualitativas, quantitativas e mistas, contribuindo para estruturar investigações sobre diversidade social de maneira rigorosa e sistemática, orientando pesquisadores na escolha de métodos adequados para analisar dados, organizar informações e interpretar padrões de desigualdade de gênero, raça e classe em artigos científicos.

Davis, Â. (2016) demonstra, com enfoque histórico e político, como gênero, raça e classe se interligam na experiência social das mulheres negras, revelando as múltiplas formas de opressão que atravessam o cotidiano e o mercado de trabalho, sendo essencial para compreender como os artigos científicos documentam e discutem a persistência dessas desigualdades no Brasil e em outros contextos.

Gil, A. C. (2018) apresenta orientações detalhadas para elaboração de projetos de pesquisa, oferecendo estratégias metodológicas fundamentais para planejar investigações sobre diversidade social, selecionar fontes bibliográficas, definir objetivos e hipóteses, garantindo a validade e a consistência das análises desenvolvidas em artigos científicos.

Gil, A. C. (2008) detalha métodos e técnicas de pesquisa social, permitindo que os pesquisadores sistematizem a coleta e a análise de dados sobre desigualdade social, interseccionalidade e diversidade, oferecendo instrumentos para interpretar criticamente resultados encontrados em produções científicas.

Gonzalez, L. (1984) evidencia o racismo e o sexismo na cultura brasileira, mostrando como práticas sociais, hábitos culturais e estruturas institucionais reproduzem desigualdades que atravessam gênero e raça, fornecendo referência essencial para analisar como esses fenômenos são abordados em artigos sobre diversidade social.

Hirata, H.; Kergoat, D. (1994) discutem a divisão sexual do trabalho na classe operária, demonstrando como a sobreposição de desigualdades de gênero e classe influencia a distribuição de tarefas, oportunidades e remuneração, oferecendo subsídios teóricos para compreender as análises de desigualdade em artigos científicos.

Hofbauer, A. (2003) explora a construção de raça e identidade no Brasil, destacando como o racismo estrutural organiza relações sociais e limita oportunidades, o que permite analisar como artigos científicos abordam a exclusão racial e a construção de identidades étnico-raciais em contextos contemporâneos.

Hooks, B. (1984) enfatiza a centralidade de vozes marginalizadas, especialmente mulheres negras, nos estudos sobre desigualdade de gênero e diversidade social, reforçando a

importância de considerar perspectivas que historicamente foram silenciadas em artigos científicos e pesquisas acadêmicas.

Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. (2017; 2010) apresentam fundamentos e técnicas de metodologia científica, oferecendo diretrizes para organizar, categorizar e analisar dados de pesquisas sobre diversidade social, permitindo a sistematização rigorosa de informações e a produção de interpretações fundamentadas sobre desigualdade de gênero, raça e classe.

Latouche, S. (1994) discute a ocidentalização do mundo e a uniformização cultural global, possibilitando compreender como processos históricos e culturais externos e internos impactam as desigualdades sociais analisadas em artigos científicos, ampliando a reflexão sobre diversidade e globalização.

Löwy, M. (1998) articula o conceito de desenvolvimento desigual e combinado, mostrando como processos históricos e econômicos contribuem para a reprodução de desigualdades estruturais, oferecendo subsídios para interpretar como artigos científicos abordam as interações entre classe, raça e gênero.

Maruani, M.; Meron, M. (2016) analisam o trabalho feminino na França e no Brasil, evidenciando a sobreposição de desigualdades de gênero e classe ao longo da história, o que fornece referência comparativa e metodológica para compreender como artigos científicos discutem a diversidade social e a interseccionalidade laboral.

Marx, K.; Engels, F. (1980) oferecem a base teórica do materialismo histórico, permitindo analisar como as desigualdades de classe estruturam relações de poder, riqueza e trabalho, e como essas relações se entrelaçam com gênero e raça, sendo uma referência fundamental para a interpretação de artigos científicos sobre diversidade social.

Mattos, M. B. (2012) discute a tradição crítica de E. P. Thompson, enfatizando a importância de análises históricas e sociais detalhadas das desigualdades de classe, gênero e raça, contribuindo para o entendimento das abordagens teóricas encontradas em artigos científicos sobre diversidade social.

Moreno, R. (2015) propõe reflexões feministas sobre o espaço urbano e as relações de poder, oferecendo subsídios para compreender como as desigualdades interseccionais se manifestam na organização das cidades e como os artigos científicos abordam essas dinâmicas.

Munanga, K. (2004) oferece uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia, permitindo interpretar como artigos científicos analisam a persistência de desigualdades raciais no Brasil e sua articulação com gênero e classe.

Nogueira, O. (1998) examina relações raciais locais e estruturais, demonstrando como preconceitos e discriminações afetam comunidades específicas, contribuindo para a compreensão das desigualdades abordadas em artigos científicos sobre diversidade social.

OIT (2005) apresenta dados e análises sobre trabalho doméstico, desigualdade de gênero e racial, evidenciando barreiras estruturais ao trabalho decente, servindo como referência para discussões sobre diversidade social em publicações acadêmicas.

Quivy, R.; Campenhoudt, L. V. (2008) fornecem técnicas de investigação em ciências sociais, possibilitando estruturar a análise sistemática de artigos científicos sobre diversidade social, assegurando rigor e consistência metodológica.

Richardson, R. J. (1999) detalha métodos e técnicas de pesquisa social, oferecendo suporte para análise crítica e interpretação de dados relacionados à desigualdade de gênero, raça e classe, facilitando a construção de análises fundamentadas em artigos científicos.

Santos, R. E. (2015) aborda a relação entre marxismo e raça, destacando a necessidade de analisar a estrutura racial na sociedade brasileira, contribuindo para compreender como artigos científicos interpretam desigualdades estruturais interseccionais.

Severino, A. J. (2016) orienta sobre procedimentos de pesquisa científica, incluindo coleta, organização e análise de dados, sendo essencial para estruturar estudos sobre diversidade social e desigualdade interseccional.

Stolcke, V. (1991) discute a relação entre sexo, gênero e etnicidade, oferecendo conceitos que fundamentam a análise interseccional de desigualdade de gênero, raça e classe em artigos científicos.

Thompson, E. P. (1988; 2001) examina a formação da classe operária inglesa e as peculiaridades sociais, fornecendo subsídios para analisar como desigualdade de classe se articula com gênero e raça, sendo referência para estudos comparativos em artigos científicos.

Vergara, S. C. (2014) apresenta orientações para projetos e relatórios de pesquisa, oferecendo suporte prático e metodológico para organizar, sistematizar e apresentar investigações acadêmicas sobre diversidade social e desigualdade interseccional.

Essas abordagens permitem não apenas organizar e sintetizar as literaturas existentes, mas também gerar insights teóricos sobre as formas como desigualdades interseccionais são abordadas em artigos científicos, contribuindo para a compreensão dos mecanismos que estruturam as exclusões sociais e para a formulação de estratégias voltadas à promoção da equidade e da inclusão. Ao integrar diferentes perspectivas e cruzar evidências, as análises fortalecem a consistência e a profundidade dos estudos, garantindo que as conclusões sejam sustentadas por interpretações críticas e rigorosas das produções acadêmicas disponíveis.

## 2.2. DESIGUALDADE DE GÊNERO

A desigualdade de gênero se manifesta de maneira multifacetada, sendo especialmente evidente na divisão sexual do trabalho**,** na qual mulheres continuam a assumir a maior parte das responsabilidades domésticas e de cuidado, mesmo quando participam do mercado de trabalho remunerado, acumulando jornadas duplas ou até triplas que limitam seu tempo e oportunidades de desenvolvimento profissional e pessoal (Hirata & Kergoat, 1994; Maruani & Meron, 2016). Essa sobrecarga contribui diretamente para a disparidade salarial**,** a segregação ocupacional e a dificuldade de ascensão a cargos de liderança, perpetuando um ciclo de desigualdade estrutural que atravessa diferentes gerações.

No mercado de trabalho**,** mulheres frequentemente enfrentam barreiras explícitas e implícitas, como discriminação salarial, menor valorização de suas funções e penalização associada à maternidade, refletindo padrões históricos de dominação e divisão social que restringem o acesso equitativo a recursos econômicos e oportunidades de progresso (Collins, 2015; OIT, 2005). Além dos efeitos econômicos e sociais, pesquisas recentes destacam os impactos neurológicos e psicológicos dessa desigualdade, evidenciando que o estresse crônico resultante da sobrecarga de tarefas, da discriminação e da marginalização social pode comprometer a saúde mental, reduzir a capacidade de concentração e tomada de decisão, e até afetar processos cognitivos fundamentais, gerando maior vulnerabilidade a transtornos psicológicos e fisiológicos (Davis, 2016; Bourdieu, 1989).

A análise da desigualdade de gênero exige uma perspectiva integrativa, que considere não apenas fatores econômicos e laborais, mas também as consequências profundas sobre o bem-estar físico, mental e social das mulheres, destacando a necessidade de políticas públicas, práticas institucionais e intervenções sociais que promovam a redistribuição equitativa de responsabilidades, a valorização do trabalho feminino e a mitigação dos impactos psicossociais decorrentes da opressão histórica de gênero.

### 2.2.1. Divisão sexual do trabalho

Artigos examinam como os papéis de gênero socialmente construídos levam a uma sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidados para as mulheres, mesmo quando inseridas no mercado de trabalho remunerado. Essa divisão restringe oportunidades e contribui para a desigualdade salarial.

A desigualdade de gênero permanece como uma das formas mais estruturais de opressão social, manifestando-se de modo evidente na divisão sexual do trabalho**,** na qual funções domésticas e de cuidado são historicamente atribuídas às mulheres. Artigos científicos apontam

que, mesmo quando inseridas no mercado de trabalho remunerado, as mulheres continuam a acumular tarefas domésticas, gerando sobrecarga física e psicológica, limitando o tempo disponível para atividades profissionais e de lazer, e restringindo oportunidades de ascensão salarial e profissional (Hirata & Kergoat, 1994; Maruani & Meron, 2016). Essa sobreposição de responsabilidades evidencia a persistência de estruturas patriarcais que atravessam gerações, mostrando que a participação feminina no mercado de trabalho não elimina desigualdades, mas frequentemente as reproduz de forma complexa.

A desigualdade de gênero se materializa em padrões salariais desiguais e segregação ocupacional. Mulheres são frequentemente concentradas em empregos considerados "subalternos" ou de menor prestígio, enquanto cargos de liderança e profissões de maior remuneração permanecem majoritariamente masculinos. Estudos revelam que a maternidade intensifica essas desigualdades, pois mulheres que assumem responsabilidades parentais enfrentam penalizações diretas no emprego, desde redução de salários até limitações em promoções, consolidando barreiras estruturais que dificultam a mobilidade social e econômica feminina (Collins, 2015; OIT, 2005).

A análise histórica proposta por Löwy (1998) por meio da teoria do desenvolvimento desigual e combinado contribui para compreender como essas desigualdades de gênero se articulam com o contexto histórico e econômico de diferentes sociedades. Löwy destaca que a desigualdade do ritmo histórico força países ou grupos sociais a avançarem por saltos, combinando fases arcaicas e modernas de desenvolvimento. Quando aplicada à questão de gênero, essa perspectiva evidencia que a subordinação das mulheres e a sobrecarga de trabalho doméstico coexistem com avanços modernos, como inserção formal no mercado de trabalho, educação e direitos legais. Essa combinação cria formas complexas de opressão, nas quais avanços estruturais não eliminam completamente desigualdades históricas e culturais.

> A desigualdade do ritmo, que é a lei mais geral do processo histórico, manifesta-se com o máximo de rigor e de complexidade nos destinos dos países atrasados. Sob o açoite de necessidades exteriores, a vida retardatária é constrangida a avançar por saltos. Desta lei universal da desigualdade dos ritmos decorre outra lei que, na falta de uma denominação mais apropriada, chamaremos de lei do Desenvolvimento desigual e combinado, no sentido da reaproximação de diversas etapas, da combinação das fases distintas, do amalgama de formas arcaicas com as mais modernas (Löwy, 1998, p. 77)

O caráter interseccional das desigualdades de gênero torna-se ainda mais evidente quando se consideram suas interações com raça e classe social. Mulheres negras, por exemplo, enfrentam simultaneamente discriminação racial e de gênero, sendo mais afetadas pela precariedade do trabalho, salários mais baixos e menor acesso a serviços públicos de qualidade (Davis, 2016; Munanga, 2004). Essa sobreposição de vulnerabilidades reforça a importância de analisar a

desigualdade de gênero não de forma isolada, mas como parte de um conjunto de relações sociais que estruturam oportunidades e exclusão, consolidando padrões de hierarquia que atravessam diferentes dimensões da vida social.

A desigualdade de gênero também se manifesta em aspectos simbólicos e culturais. Pierre Bourdieu (1989) argumenta que o poder simbólico contribui para legitimar desigualdades de gênero, naturalizando a subordinação feminina e atribuindo ao trabalho doméstico um caráter moralmente obrigatório. Esta lógica simbólica reforça a divisão sexual do trabalho, moldando comportamentos, expectativas sociais e até mesmo políticas públicas, ao reforçar a ideia de que certas atividades são "naturais" para mulheres, enquanto outras seriam exclusivas dos homens, perpetuando a desigualdade estrutural.

A literatura científica demonstra que a superação das desigualdades de gênero requer abordagens integradas que combinem análise histórica, econômica, social e cultural. A articulação entre perspectivas feministas, marxistas e pós-coloniais permite compreender como a sobrecarga de trabalho doméstico, a discriminação salarial e a segregação ocupacional não são fenômenos isolados, mas produtos de interações complexas entre estruturas de poder, desenvolvimento desigual e padrões culturais historicamente construídos (Collins, 2015; Löwy, 1998; Maruani & Meron, 2016). Compreender essas conexões é fundamental para a formulação de políticas públicas, práticas institucionais e intervenções sociais capazes de promover maior equidade de gênero e justiça social.

### 2.2.2. Mercado de trabalho

A participação feminina no mercado de trabalho revela uma persistente desigualdade estrutural, em que mulheres enfrentam barreiras explícitas e implícitas para ascender a posições de maior responsabilidade e remuneração. Mesmo em contextos nos quais possuem níveis de escolaridade superiores aos de seus pares masculinos, muitas mulheres permanecem concentradas em funções consideradas subalternas ou menos valorizadas, evidenciando que a educação isoladamente não elimina as barreiras de gênero (Hirata & Kergoat, 1994). Essa discrepância reflete a continuidade de normas sociais e culturais que associam certos papéis e competências ao gênero, perpetuando a segregação ocupacional e consolidando hierarquias históricas no ambiente laboral.

A discriminação salarial constitui um dos aspectos mais visíveis dessa desigualdade, manifestando-se tanto em diferenças de remuneração direta quanto em benefícios associados à função exercida. Estudos mostram que, mesmo quando mulheres ocupam cargos equivalentes aos de homens, seus salários tendem a ser inferiores, revelando um viés sistemático que desvaloriza o

trabalho feminino. Essa realidade é reforçada por estruturas corporativas e políticas internas que, muitas vezes, não possuem mecanismos efetivos para corrigir disparidades, contribuindo para a reprodução de padrões de desigualdade de gênero ao longo do tempo.

A segregação ocupacional é outra expressão central da desigualdade de gênero. Mulheres são frequentemente direcionadas para setores considerados “femininos”, como educação, saúde, serviços administrativos ou comércio, enquanto áreas de maior prestígio e remuneração, como engenharia, tecnologia e gestão, permanecem dominadas por homens. Essa divisão não apenas limita as oportunidades de carreira, mas também reforça estereótipos de competência e aptidão, naturalizando a diferença entre os gêneros e criando obstáculos adicionais para que as mulheres ascendam profissionalmente.

A maternidade representa um fator crítico que intensifica as barreiras no mercado de trabalho (Hirata & Kergoat, 1994). Mulheres grávidas ou mães são frequentemente penalizadas de maneiras explícitas e implícitas, como dificuldade em conseguir promoções, menor acesso a treinamentos e pressões para retornar rapidamente ao trabalho após a licença-maternidade. Esse fenômeno, conhecido como penalização maternal, evidencia como normas institucionais e culturais ainda consideram a maternidade como incompatível com carreiras de alto desempenho, prejudicando a igualdade de oportunidades e reforçando a vulnerabilidade econômica feminina.

A combinação de discriminação salarial, segregação ocupacional e penalização maternal produz efeitos cumulativos sobre a trajetória profissional das mulheres (Collins, 2015). Quanto mais avançam em suas carreiras, maior é a necessidade de conciliar demandas profissionais e familiares, frequentemente sem suporte institucional adequado. Essa realidade demonstra que a desigualdade de gênero não é apenas uma questão de remuneração, mas envolve a interseção de fatores sociais, culturais e econômicos que se reforçam mutuamente, criando ciclos de exclusão que afetam gerações.

O impacto da desigualdade de gênero no mercado de trabalho também se estende à saúde física e psicológica das mulheres. A sobrecarga de funções, a pressão por desempenho e a percepção de injustiça podem gerar estresse crônico, ansiedade e fadiga, comprometendo o bem-estar geral e a produtividade. Pesquisas indicam que esses efeitos têm consequências de longo prazo, influenciando não apenas a carreira profissional, mas também a qualidade de vida, a autoestima e a participação social das mulheres, reforçando a necessidade de políticas públicas que promovam igualdade de condições .

No plano das políticas públicas, avanços legislativos como a Lei de Cotas e programas de incentivo à igualdade de gênero no trabalho têm buscado reduzir a discriminação, mas os resultados ainda são limitados devido à persistência de preconceitos culturais e barreiras

estruturais (OIT, 2005; Maruani & Meron, 2016). A implementação de licenças parentais igualitárias, flexibilização de jornadas e programas de mentoring feminino são estratégias apontadas por especialistas como essenciais para enfrentar a segregação e a penalização maternal de forma mais efetiva.

O papel da interseccionalidade, evidencia que mulheres negras, indígenas ou de classes socioeconômicas menos favorecidas enfrentam barreiras ainda mais complexas no mercado de trabalho (Munanga, 2004; Collins, 2015). A interseção entre gênero, raça e classe gera desvantagens acumulativas, com impactos significativos na remuneração, oportunidades de promoção e acesso a benefícios, mostrando que políticas de igualdade devem ser estruturadas de maneira a contemplar múltiplas dimensões de vulnerabilidade.

A literatura evidencia que a transformação do mercado de trabalho em um ambiente mais equitativo exige mudanças estruturais profundas. Não basta promover a entrada das mulheres no mercado; é necessário combater preconceitos históricos, revisar políticas de promoção e remuneração, e criar condições para que maternidade, responsabilidades familiares e carreira profissional coexistam sem penalizações (Hirata & Kergoat, 1994; Bourdieu, 1989). A análise das barreiras enfrentadas pelas mulheres reforça a necessidade de estratégias integradas que articulem legislação, práticas corporativas e sensibilização cultural, promovendo efetivamente a igualdade de gênero no trabalho e contribuindo para sociedades mais justas e inclusivas.

### 2.2.3. Impactos neurológicos e psicológicos

A participação feminina no mercado de trabalho revela uma persistente desigualdade estrutural, em que mulheres enfrentam barreiras explícitas e implícitas para ascender a posições de maior responsabilidade e remuneração. Mesmo em contextos nos quais possuem níveis de escolaridade superiores aos de seus pares masculinos, muitas mulheres permanecem concentradas em funções consideradas subalternas ou menos valorizadas, evidenciando que a educação isoladamente não elimina as barreiras de gênero (Hirata & Kergoat, 1994). Essa discrepância reflete a continuidade de normas sociais e culturais que associam certos papéis e competências ao gênero, perpetuando a segregação ocupacional e consolidando hierarquias históricas no ambiente laboral.

A discriminação salarial constitui um dos aspectos mais visíveis dessa desigualdade, manifestando-se tanto em diferenças de remuneração direta quanto em benefícios associados à função exercida (Hirata & Kergoat, 1994). Estudos mostram que, mesmo quando mulheres ocupam cargos equivalentes aos de homens, seus salários tendem a ser inferiores, revelando um viés sistemático que desvaloriza o trabalho feminino. Essa realidade é reforçada por estruturas

corporativas e políticas internas que, muitas vezes, não possuem mecanismos efetivos para corrigir disparidades, contribuindo para a reprodução de padrões de desigualdade de gênero ao longo do tempo.

A segregação ocupacional é outra expressão central da desigualdade de gênero. Mulheres são frequentemente direcionadas para setores considerados “femininos”, como educação, saúde, serviços administrativos ou comércio, enquanto áreas de maior prestígio e remuneração, como engenharia, tecnologia e gestão, permanecem dominadas por homens. Essa divisão não apenas limita as oportunidades de carreira, mas também reforça estereótipos de competência e aptidão, naturalizando a diferença entre os gêneros e criando obstáculos adicionais para que as mulheres ascendam profissionalmente.

A maternidade representa um fator crítico que intensifica as barreiras no mercado de trabalho (Hirata & Kergoat, 1994).Mulheres grávidas ou mães são frequentemente penalizadas de maneiras explícitas e implícitas, como dificuldade em conseguir promoções, menor acesso a treinamentos e pressões para retornar rapidamente ao trabalho após a licença-maternidade. Esse fenômeno, conhecido como penalização maternal, evidencia como normas institucionais e culturais ainda consideram a maternidade como incompatível com carreiras de alto desempenho, prejudicando a igualdade de oportunidades e reforçando a vulnerabilidade econômica feminina.

A combinação de discriminação salarial, segregação ocupacional e penalização maternal produz efeitos cumulativos sobre a trajetória profissional das mulheres (Collins, 2015). Quanto mais avançam em suas carreiras, maior é a necessidade de conciliar demandas profissionais e familiares, frequentemente sem suporte institucional adequado. Essa realidade demonstra que a desigualdade de gênero não é apenas uma questão de remuneração, mas envolve a interseção de fatores sociais, culturais e econômicos que se reforçam mutuamente, criando ciclos de exclusão que afetam gerações.

O impacto da desigualdade de gênero no mercado de trabalho também se estende à saúde física e psicológica das mulheres. A sobrecarga de funções, a pressão por desempenho e a percepção de injustiça podem gerar estresse crônico, ansiedade e fadiga, comprometendo o bem-estar geral e a produtividade. Pesquisas indicam que esses efeitos têm consequências de longo prazo, influenciando não apenas a carreira profissional, mas também a qualidade de vida, a autoestima e a participação social das mulheres, reforçando a necessidade de políticas públicas que promovam igualdade de condições.

No plano das políticas públicas, avanços legislativos como a Lei de Cotas e programas de incentivo à igualdade de gênero no trabalho têm buscado reduzir a discriminação, mas os resultados ainda são limitados devido à persistência de preconceitos culturais e barreiras

estruturais (OIT, 2005; Maruani & Meron, 2016). A implementação de licenças parentais igualitárias, flexibilização de jornadas e programas de mentoring feminino são estratégias apontadas por especialistas como essenciais para enfrentar a segregação e a penalização maternal de forma mais efetiva.

O papel da interseccionalidade, que evidencia que mulheres negras, indígenas ou de classes socioeconômicas menos favorecidas enfrentam barreiras ainda mais complexas no mercado de trabalho (Munanga, 2004; Collins, 2015).A interseção entre gênero, raça e classe gera desvantagens acumulativas, com impactos significativos na remuneração, oportunidades de promoção e acesso a benefícios, mostrando que políticas de igualdade devem ser estruturadas de maneira a contemplar múltiplas dimensões de vulnerabilidade.

A desigualdade de gênero também se manifesta em impactos neurológicos e psicológicos. O estresse crônico gerado pela sobrecarga de funções, pela discriminação e pela penalização associada à maternidade pode alterar o funcionamento cerebral, afetando memória, raciocínio e tomada de decisão, além de aumentar a vulnerabilidade a transtornos mentais, como ansiedade, depressão e síndrome de burnout (Hofbauer, 2003). Esses efeitos demonstram que as desigualdades históricas e estruturais se traduzem em consequências fisiológicas concretas, tornando imperativo que políticas públicas e práticas institucionais considerem essas dimensões psicossociais.

A violência simbólica e institucional reforça os impactos psicológicos da desigualdade, ao naturalizar a subordinação feminina e internalizar a sensação de inferioridade ou inadequação em espaços de poder e decisão (Hooks, 1984). Esse processo de internalização contribui para a manutenção das hierarquias sociais e acentua os efeitos negativos sobre a autoestima, a confiança profissional e a participação ativa das mulheres na vida social e política.

Quando considerados em conjunto com os impactos socioeconômicos e ocupacionais, os efeitos neurológicos e psicológicos da desigualdade de gênero evidenciam que qualquer intervenção para reduzir as disparidades deve ser ampla, articulando ações de inclusão, educação, redistribuição de responsabilidades domésticas e apoio à saúde mental (Hofbauer, 2003; Hooks, 1984). Programas corporativos e políticas públicas voltadas à redução do estresse ocupacional, à valorização do trabalho feminino e à implementação de ambientes de trabalho seguros e inclusivos são essenciais para mitigar os efeitos cumulativos da opressão histórica.

A literatura evidencia que a transformação do mercado de trabalho em um ambiente mais equitativo exige mudanças estruturais profundas. Não basta promover a entrada das mulheres no mercado; é necessário combater preconceitos históricos, revisar políticas de promoção e remuneração, e criar condições para que maternidade, responsabilidades familiares e carreira

profissional coexistam sem penalizações. A análise das barreiras enfrentadas pelas mulheres reforça a necessidade de estratégias integradas que articulem legislação, práticas corporativas e sensibilização cultural, promovendo efetivamente a igualdade de gênero no trabalho e contribuindo para sociedades mais justas, inclusivas e conscientes.

## 2.3. DESIGUALDADE RACIAL

A desigualdade racial no Brasil manifesta-se de maneira complexa e estrutural, refletindo padrões históricos que continuam a moldar a vida social da população negra. O racismo estrutural opera como um conjunto de práticas, normas e instituições que reproduzem desvantagens para pessoas pretas e pardas, limitando o acesso a oportunidades educacionais, ocupacionais e de ascensão social (Munanga, 2004; Nogueira, 1998). No mercado de trabalho, essa desigualdade se traduz em discriminação salarial, segregação ocupacional e menor acesso a posições de prestígio, mesmo quando os níveis de escolaridade são equivalentes aos de trabalhadores brancos. O racismo estrutural interage com fatores de classe e gênero, ampliando a vulnerabilidade de mulheres negras, que enfrentam barreiras cumulativas para a inserção e permanência em empregos formais e bem remunerados.

A violência e a segurança pública são outras dimensões críticas da desigualdade racial, evidenciando a letalidade diferenciada que atinge principalmente jovens negros em contextos urbanos (Latouche, 1994, p.66). Dados sobre homicídios, encarceramento e ações policiais demonstram que a população negra é desproporcionalmente afetada, revelando uma face brutal da exclusão social que se mantém mesmo em meio a políticas públicas de proteção. O alerta de Serge Latouche sobre a “sobrevida” das comunidades não ocidentais reforça a percepção de que, embora haja avanços superficiais, as desigualdades históricas persistem, mantendo grande parte da população negra em condições de vulnerabilidade contínua e privando-a do pleno usufruto da vida social, econômica e política.

> Ainda que no computo geral não tenha sido eliminada nem a morte violenta, nem a morte miserável, nem a morte natural, o espetáculo de sua erradicação imaginária e de seu início de colocação em prática real são suficientemente impressionantes para “lançar” as comunidades não ocidentais. Progressivamente, o mundo se desencanta delas, e a vida, por mais prolongada que seja, não reencontra alguma ple89nitude. Ela não passa de uma sobrevida (Latouche, 1994, p.66).

### 2.3.1. Racismo estrutural

A análise do racismo estrutural no Brasil evidencia que a discriminação racial não se manifesta apenas em episódios isolados de preconceito, mas como um conjunto de normas, práticas e instituições que estruturam a vida social de forma desigual, influenciando o acesso a

direitos, oportunidades e bens materiais. Essa forma de racismo está presente nas relações de poder em múltiplas esferas, desde a educação e o mercado de trabalho até a saúde e a segurança pública, configurando barreiras sistemáticas que afetam a população negra de maneira cumulativa e persistente, limitando sua mobilidade social e econômica.

No mercado de trabalho, o racismo estrutural se traduz em desigualdades salariais, segregação ocupacional e dificuldade de acesso a cargos de prestígio e liderança (Stolcke, 1991). Mesmo quando pessoas negras possuem qualificações equivalentes às de indivíduos brancos, frequentemente enfrentam obstáculos implícitos e explícitos que dificultam sua ascensão profissional. Esse cenário reforça padrões históricos de exclusão, nos quais oportunidades são desigualmente distribuídas de acordo com a cor da pele, consolidando hierarquias raciais e econômicas que atravessam gerações.

A discriminação no emprego não se limita apenas à remuneração, mas se estende às condições de trabalho, à valorização de competências e à segurança no ambiente laboral. Trabalhadores negros são mais propensos a ocupar posições precárias, informais ou com jornadas extenuantes, enquanto ocupações mais valorizadas permanecem predominantemente acessíveis a trabalhadores brancos. Esse quadro evidencia que a desigualdade racial está profundamente enraizada nas estruturas institucionais e na divisão econômica do trabalho, reproduzindo desigualdades de forma sistêmica.

No campo da educação, o racismo estrutural também exerce efeitos significativos, influenciando desde o acesso à escola e à universidade até a qualidade do ensino recebido (Stolcke, 1991). Escolas em áreas predominantemente negras frequentemente enfrentam menor investimento, infraestrutura precária e escassez de recursos didáticos, limitando o desenvolvimento acadêmico e a possibilidade de ascensão social dos estudantes. Além disso, preconceitos e estereótipos raciais podem afetar o desempenho e a autoestima dos alunos, reproduzindo ciclos de exclusão social e marginalização cultural.

A saúde é outra esfera em que o racismo estrutural se manifesta, refletindo-se no acesso desigual a serviços médicos, tratamentos e políticas de prevenção (Stolcke, 1991). Populações negras apresentam maior vulnerabilidade a doenças crônicas e menor expectativa de vida em comparação a grupos brancos, resultado de uma combinação de fatores socioeconômicos, barreiras institucionais e negligência histórica. A desigualdade no cuidado e na atenção à saúde evidencia como o racismo atua em níveis múltiplos, perpetuando desvantagens estruturais e limitando a qualidade de vida da população negra.

A segurança pública evidencia a face mais violenta do racismo estrutural, pois a população negra, sobretudo jovens, é desproporcionalmente vítima de homicídios, abordagens

policiais violentas e encarceramento em massa. Esse padrão não apenas reflete preconceitos individuais, mas é consequência de políticas públicas, práticas institucionais e normas sociais que naturalizam a criminalização da população negra, mantendo-a em situação de vulnerabilidade contínua e reforçando o controle social sobre corpos historicamente marginalizados.

A desigualdade racial também se articula com a desigualdade de gênero, criando camadas de opressão específicas para mulheres negras, que enfrentam tanto a discriminação racial quanto a de gênero (Stolcke, 1991). Essa interseccionalidade determina padrões de exclusão no trabalho, no acesso à educação e na participação social, resultando em múltiplas barreiras que restringem oportunidades e ampliam as vulnerabilidades. As mulheres negras frequentemente são relegadas a funções menos valorizadas e mais precarizadas, reforçando a sobreposição de desigualdades históricas e estruturais.

A cultura e a identidade racial são impactadas pela persistência do racismo estrutural, uma vez que práticas discriminatórias influenciam a percepção social e a autoestima da população negra (Stolcke, 1991). A desvalorização de saberes, tradições e expressões culturais negras reforça a exclusão simbólica e a invisibilidade social, limitando a capacidade de participação plena na vida pública e política. Essa marginalização cultural mantém vivas hierarquias históricas, dificultando o reconhecimento da diversidade como valor social e não apenas como um desafio a ser mitigado.

Ainda que medidas legais e políticas públicas tenham buscado reduzir desigualdades, a estrutura racial da sociedade brasileira continua profundamente marcada por padrões históricos de exclusão e opressão (Stolcke, 1991). A persistência de violência, discriminação e restrições de acesso a recursos essenciais demonstra que a igualdade formal não é suficiente para eliminar as disparidades de fato, e que a compreensão crítica do racismo estrutural, articulando mercado de trabalho, educação, saúde, segurança e cultura, é indispensável para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

### 2.3.2. Discriminação no mercado de trabalho

A discriminação no mercado de trabalho revela uma realidade estrutural que limita significativamente as oportunidades de pessoas pretas e pardas, mesmo quando possuem níveis de escolaridade equivalentes aos de trabalhadores brancos (Vergara, 2014). Estudos quantitativos e qualitativos demonstram que a desigualdade não se manifesta apenas em diferenças salariais, mas também na segregação ocupacional, na dificuldade de acesso a cargos de liderança e na manutenção de empregos precários, reforçando padrões históricos de exclusão racial no ambiente laboral.

As barreiras enfrentadas pelos trabalhadores negros frequentemente começam já no processo de seleção, quando estereótipos raciais influenciam decisões de contratação (Vergara, 2014). Pesquisas indicam que currículos com nomes que remetem a perfis raciais negros recebem menos convites para entrevistas, evidenciando um preconceito sutil, mas sistemático, que perpetua a desigualdade estrutural e limita a mobilidade social desses indivíduos.

A promoção interna dentro das organizações também apresenta desigualdades significativas (Vergara, 2014). Pessoas negras têm menor probabilidade de serem indicadas para cargos de liderança ou de maior visibilidade, mesmo quando demonstram desempenho equivalente ou superior ao de colegas brancos, mantendo uma hierarquia racial implícita que restringe o acesso a posições estratégicas.

A disparidade salarial é outro efeito direto da discriminação no mercado de trabalho (Vergara, 2014). Trabalhadores pretos e pardos recebem, em média, remunerações inferiores às de brancos em posições semelhantes, evidenciando que o reconhecimento econômico não corresponde às qualificações e ao esforço investido, consolidando desigualdades históricas e perpetuando ciclos de vulnerabilidade financeira.

A segregação ocupacional contribui para a manutenção de estereótipos e para a desvalorização de habilidades específicas (Vergara, 2014). Funções associadas a pessoas negras tendem a ser menos prestigiadas, mais desgastantes ou precárias, enquanto os cargos de maior status e remuneração permanecem concentrados em trabalhadores brancos, reforçando a divisão racial do trabalho e dificultando o avanço social.

Mulheres negras enfrentam uma interseccionalidade de opressões que amplifica essas desigualdades (Vergara, 2014). Além da discriminação racial, elas lidam com a divisão sexual do trabalho, a penalização pela maternidade e expectativas sociais que limitam suas oportunidades, criando múltiplas barreiras estruturais que afetam seu desenvolvimento profissional e econômico.

As consequências da discriminação no mercado de trabalho vão além do emprego e da renda, afetando também o acesso à educação e à formação profissional (Vergara, 2014). Salários menores e empregos precários comprometem a capacidade de investir em cursos, especializações e desenvolvimento contínuo, dificultando que pessoas negras alcancem posições de maior qualificação ao longo do tempo.

A perpetuação dessas desigualdades reforça padrões de exclusão social que atravessam gerações (Vergara, 2014). Filhos e familiares de trabalhadores negros enfrentam limitações semelhantes, uma vez que o acesso reduzido a oportunidades econômicas e educacionais mantém comunidades inteiras em situação de vulnerabilidade e dificulta a mobilidade social ascendente.

Superar a discriminação no mercado de trabalho exige políticas públicas efetivas, iniciativas corporativas inclusivas e ações afirmativas que promovam equidade (Vergara, 2014). Reconhecer e enfrentar essas desigualdades estruturais é fundamental para construir uma sociedade mais justa, permitindo que o acesso a empregos de qualidade, salários adequados e posições estratégicas não seja condicionado pela cor da pele ou por estereótipos históricos.

### 2.3.3. Violência e segurança pública

A violência e a segurança pública refletem de maneira contundente a desigualdade racial estrutural presente na sociedade brasileira, evidenciando que a população negra, em especial os jovens, é desproporcionalmente vítima de homicídios e intervenções policiais letais (Thompson, 1988). Estudos e dados oficiais, como o Atlas da Violência, indicam que essas mortes não ocorrem de forma aleatória, mas sim como consequência de práticas históricas de marginalização e controle social que colocam indivíduos negros em situações de vulnerabilidade permanente, reforçando ciclos de exclusão e precariedade social.

Aletargia do Estado em oferecer proteção efetiva e políticas preventivas de segurança demonstra que a violência contra a população negra não é apenas um fenômeno criminal, mas uma expressão da manutenção de hierarquias sociais e raciais (Thompson, 2001). Esse padrão revela uma relação entre classe e raça, na qual a criminalização das periferias, predominantemente habitadas por negros e pardos, legitima a intervenção policial violenta e naturaliza o sofrimento dessas comunidades, perpetuando desigualdades estruturais que atravessam gerações.

Os índices de homicídio e encarceramento mostram ainda que jovens negros são alvos recorrentes de abordagens policiais violentas, reforçando a ideia de uma sociedade que associa raça à criminalidade (Thompson, 1988). Essa associação simbólica e prática amplia o impacto da desigualdade, pois limita o acesso desses indivíduos a oportunidades educacionais, laborais e sociais, dificultando qualquer possibilidade de ascensão ou inclusão social.

A exposição constante à violência gera impactos psicológicos significativos sobre as vítimas e suas comunidades (Thompson, 2001). Traumas, estresse crônico e medo de interações com autoridades públicas são elementos que comprometem a saúde mental e a percepção de segurança, contribuindo para a manutenção de ciclos de desvantagem social e reforçando a sensação de marginalização e abandono estatal.

A violência também se manifesta de maneira institucionalizada, com políticas públicas de segurança que frequentemente priorizam o controle coercitivo em vez de estratégias preventivas e sociais (Thompson, 1988). Essa abordagem contribui para a ampliação das desigualdades raciais,

pois pune de forma desproporcional comunidades negras e pobres, enquanto ignora os fatores estruturais que alimentam a criminalidade e a vulnerabilidade social.

O impacto da violência sobre a educação e o desenvolvimento social das comunidades negras é profundo (Thompson, 2001). Jovens que vivenciam altos índices de homicídios e abordagens policiais agressivas apresentam maiores taxas de evasão escolar, dificuldades de aprendizagem e menor participação em espaços de socialização e cultura, limitando suas perspectivas futuras e perpetuando a exclusão histórica.

A interseccionalidade da desigualdade revela que mulheres negras enfrentam formas específicas de violência, incluindo abusos físicos, sexuais e psicológicos, muitas vezes invisibilizados pelas políticas públicas (Thompson, 1988). Essa sobreposição de vulnerabilidades torna ainda mais urgente a implementação de estratégias que considerem as múltiplas dimensões da opressão racial e de gênero, promovendo proteção efetiva e justiça social.

A violência e a segurança pública não podem ser compreendidas apenas como questões criminais isoladas, mas como fenômenos profundamente ligados à organização socioeconômica e histórica da sociedade (Thompson, 2001). O controle de territórios, a marginalização econômica e a negação de direitos básicos funcionam como mecanismos que sustentam a exclusão racial, evidenciando a necessidade de políticas integradas de combate à desigualdade.

O estudo da violência contra a população negra reforça a compreensão de que a desigualdade racial se manifesta de forma multidimensional, atravessando espaços públicos, privados e institucionais (Thompson, 1988). A análise crítica dos dados, aliada a abordagens históricas e interseccionais, permite compreender que reduzir a letalidade e a vulnerabilidade exige não apenas ações repressivas, mas transformações estruturais que promovam equidade, inclusão e justiça social.

## 2.4. DESIGUALDADE DE CLASSE SOCIAL

A desigualdade de classe social no Brasil e em contextos globais manifesta-se de maneira profunda e estruturada, sendo fortemente influenciada pelas relações de produção e pelas condições históricas de exploração econômica (Thompson, 1988). A experiência de classe se constrói a partir de vivências compartilhadas, muitas vezes herdadas ou socialmente transmitidas, que articulam interesses coletivos em oposição a grupos cujos objetivos econômicos e sociais divergem, gerando divisões que se refletem em poder, acesso a recursos e status social. Essa dinâmica não apenas define a posição de indivíduos e famílias dentro da sociedade, mas também estrutura oportunidades educacionais, ocupacionais e de mobilidade, consolidando hierarquias que atravessam gerações.

> A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujo interesses diferem (e geralmente se opõe) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que homens nasceram-ou o entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais (Thompson, 1988, p.10)

Os impactos do sistema capitalista sobre a desigualdade de classe social são evidentes na concentração de renda e riqueza, na exploração do trabalho e na perpetuação de relações hierárquicas entre proprietários dos meios de produção e trabalhadores (Marx & Engels, 1980). Artigos científicos analisam como essas estruturas econômicas determinam não apenas a distribuição material de recursos, mas também o acesso a bens simbólicos, como prestígio, reconhecimento e poder de decisão, demonstrando que a desigualdade transcende o campo econômico e permeia todas as dimensões da vida social.

A estratificação social é uma das formas mais visíveis da desigualdade de classe, organizando a sociedade em camadas hierarquicamente diferenciadas, onde o acesso a oportunidades e recursos varia de acordo com a posição ocupada (Thompson, 2001). Pesquisas indicam que essas camadas não são rígidas, mas a mobilidade social ascendente é limitada, especialmente para indivíduos nas classes mais baixas, devido à combinação de fatores econômicos, educacionais e culturais que dificultam o avanço social e mantêm padrões históricos de exclusão.

A desigualdade de classe se manifesta em termos de capital cultural e social, como formação acadêmica, redes de contato, acesso à informação e pertencimento a espaços de poder (Bourdieu, 1989). Essas dimensões simbólicas ampliam a distância entre grupos sociais, tornando a superação da desigualdade mais complexa, pois a mobilidade depende não apenas de recursos financeiros, mas também da capacidade de acessar e usufruir de bens culturais e sociais que legitimam o prestígio e a influência.

A interseção entre classe, raça e gênero evidencia que a desigualdade de classe não afeta todos de maneira uniforme (Collins, 2015). Mulheres negras, por exemplo, ocupam posições duplamente desfavoráveis no mercado de trabalho e na distribuição de recursos, sofrendo com a combinação de discriminação econômica, racial e de gênero, o que limita seu acesso a oportunidades e reforça ciclos de pobreza e exclusão social intergeracional.

O sistema educacional desempenha um papel central na reprodução da desigualdade de classe, uma vez que o acesso à educação de qualidade é fortemente condicionado por fatores socioeconômicos (Hirata & Kergoat, 1994). A segregação escolar e a limitação de recursos em comunidades mais pobres contribuem para a manutenção de hierarquias sociais, perpetuando a

distância entre classes e restringindo a possibilidade de ascensão social mesmo para indivíduos com alto potencial acadêmico.

A precariedade no mercado de trabalho é outro elemento que reforça a desigualdade de classe (Maruani & Meron, 2016). Trabalhadores de classes mais baixas enfrentam empregos instáveis, baixos salários, falta de benefícios e condições degradantes, enquanto classes mais altas têm acesso a ocupações estratégicas, com maiores rendimentos e segurança econômica, consolidando disparidades estruturais que se refletem em todas as dimensões da vida social.

As dimensões simbólicas e culturais da desigualdade de classe, como prestígio, influência política e participação social, mostram que a luta por equidade vai além da redistribuição de renda (Bourdieu, 1989). O acesso a espaços de decisão e à construção de conhecimento é mediado por posição social, reforçando padrões históricos de exclusão e tornando necessária uma abordagem integrada que contemple economia, cultura e poder para reduzir efetivamente as desigualdades.

A análise da desigualdade de classe social evidencia que políticas públicas isoladas, sem considerar a interdependência entre renda, capital cultural, redes sociais e história de exploração econômica, têm eficácia limitada (Thompson, 1988). O enfrentamento da desigualdade exige intervenções estruturais e sistêmicas que promovam não apenas redistribuição material, mas também inclusão social, equidade de oportunidades e transformação cultural, possibilitando uma sociedade mais justa e democrática.

### 2.4.1. Impactos do sistema capitalista

Os impactos do sistema capitalista sobre a desigualdade de classe são amplos e multifacetados, refletindo-se tanto na concentração de riqueza quanto na exploração do trabalho, que favorece os detentores dos meios de produção em detrimento da maioria da população trabalhadora (Latouche, 1994). Artigos científicos demonstram que, sob o capitalismo, a acumulação de capital não ocorre de forma neutra, mas está historicamente vinculada a relações de poder e dominação, reforçando hierarquias econômicas que se perpetuam ao longo do tempo e limitando o acesso de classes populares a recursos essenciais e oportunidades de mobilidade social.

A dinâmica capitalista cria mecanismos sofisticados de exclusão social, nos quais o trabalho é simultaneamente valorizado e desvalorizado dependendo da posição ocupada no mercado e das habilidades consideradas produtivas para o sistema (Latouche, 1994). Essa desigualdade estrutural se evidencia na disparidade salarial, na precarização de empregos e na limitação do acesso a benefícios sociais, demonstrando que a pobreza e a marginalização não são meros acidentes individuais, mas resultados de uma lógica sistêmica de exploração e concentração de recursos.

O capitalismo também produz desigualdades simbólicas e culturais que se articulam com a dimensão econômica, criando distinções de status, prestígio e poder social que reproduzem a estratificação entre classes (Latouche, 1994). Indivíduos e grupos em posições subordinadas não apenas têm menor acesso à riqueza, mas também são marginalizados culturalmente, com limitações em seu reconhecimento social, participação política e influência em decisões coletivas, evidenciando que a dominação capitalista se manifesta em múltiplas esferas da vida social.

O sistema capitalista tende a impor padrões globais de consumo, trabalho e produção que podem exacerbar desigualdades regionais e locais, impondo modelos de desenvolvimento que nem sempre consideram as especificidades culturais e sociais das comunidades afetadas (Latouche, 1994). Essa ocidentalização econômica e cultural reforça a exclusão de populações periféricas ou menos integradas aos circuitos produtivos globais, ampliando disparidades entre centros e periferias, entre classes sociais e entre países.

A exploração da força de trabalho em setores menos valorizados evidencia a interseção entre classe, gênero e raça, mostrando que mulheres, negros e pobres enfrentam condições ainda mais precárias, salários menores e maior vulnerabilidade econômica (Latouche, 1994). A concentração de renda não é apenas um fenômeno individual, mas estrutural, impactando a distribuição de oportunidades em saúde, educação e acesso a bens e serviços essenciais, aprofundando desigualdades históricas e estruturais.

A lógica capitalista também afeta a segurança econômica das famílias trabalhadoras, pois a dependência do mercado formal e informal cria instabilidade, tornando as classes populares mais vulneráveis a crises econômicas, desemprego e inflação (Latouche, 1994). Essa precariedade não apenas compromete o padrão de vida, mas também limita as possibilidades de investimento em educação, saúde e desenvolvimento pessoal, reforçando ciclos intergeracionais de pobreza e exclusão social.

Artigos teóricos indicam que a desigualdade capitalista não é apenas resultado de decisões individuais ou mérito pessoal, mas consequência de sistemas de produção e acumulação que favorecem os mesmos grupos ao longo do tempo (Latouche, 1994). Essa constatação reforça a necessidade de políticas públicas estruturantes, que atuem simultaneamente na redistribuição de renda, na promoção de igualdade de oportunidades e na redução de barreiras institucionais e culturais que perpetuam a desigualdade de classe.

A crítica marxista ao capitalismo destaca que, enquanto os trabalhadores produzem valor e riqueza, os proprietários dos meios de produção concentram os benefícios, tornando a exploração e a desigualdade elementos centrais e inevitáveis do sistema econômico (Latouche, 1994). Esse entendimento permite analisar a desigualdade de classe não como um fenômeno

isolado, mas como parte de uma lógica econômica e social mais ampla, que condiciona acesso a direitos, participação política e oportunidades de vida.

O impacto do capitalismo sobre a desigualdade de classe evidencia a necessidade de estratégias que combinem redistribuição econômica, inclusão social e fortalecimento de políticas públicas voltadas à justiça social (Latouche, 1994). Somente abordando os múltiplos efeitos do sistema capitalista — econômicos, simbólicos e culturais — é possível conceber intervenções efetivas que promovam equidade, mobilidade social e condições de vida dignas para os grupos historicamente mais vulneráveis.

### 2.4.2. Estratificação e mobilidade social

A estratificação e a mobilidade social no Brasil refletem uma estrutura hierárquica complexa, em que a sociedade se organiza em camadas diferenciadas de acordo com o acesso a recursos econômicos, culturais e simbólicos (Löwy, 1998). Pesquisas indicam que os indivíduos e grupos nas camadas mais baixas enfrentam dificuldades estruturais para ascender socialmente, pois a distribuição desigual de oportunidades, educação de qualidade e emprego qualificado mantém os padrões de exclusão. Essa organização em estratos evidencia que a posição social de um indivíduo não depende apenas de esforço pessoal, mas é determinada historicamente por fatores econômicos, culturais e institucionais, reforçando desigualdades intergeracionais e consolidando barreiras à mobilidade.

A análise da mobilidade social também revela a profunda interseção entre classe, raça e gênero, demonstrando que a ascensão social não é uniforme para todos os grupos (Löwy, 1998). Mulheres, especialmente negras e de classes populares, encontram limitações adicionais decorrentes da discriminação estrutural, que restringe acesso a empregos qualificados, salários justos e posições de liderança. Essa sobreposição de desvantagens evidencia que a mobilidade social no Brasil não é apenas uma questão econômica, mas um fenômeno social multifacetado, no qual desigualdades históricas se combinam para reproduzir hierarquias complexas.

O conceito de desenvolvimento desigual e combinado, proposto por Löwy (1998), permite compreender como diferentes segmentos da sociedade avançam de forma assimétrica, incorporando simultaneamente elementos modernos e arcaicos. Essa perspectiva explica por que certas regiões e grupos conseguem acesso a oportunidades de ascensão social enquanto outros permanecem marginalizados, mostrando que a estratificação social é influenciada por processos históricos, econômicos e culturais interligados. Assim, a mobilidade social não ocorre de maneira linear, mas em saltos e combinações que refletem a heterogeneidade da sociedade brasileira.

A educação surge como um dos principais fatores condicionantes da estratificação e da mobilidade social, pois o acesso desigual a ensino de qualidade reforça as barreiras entre os estratos (Löwy, 1998). Famílias de classes mais baixas enfrentam limitações estruturais que reduzem a possibilidade de seus filhos atingirem níveis mais altos de escolaridade, o que por sua vez restringe a inserção em ocupações mais bem remuneradas e prestigiosas. Dessa forma, a educação, longe de ser neutra, atua como instrumento de reprodução social, consolidando desigualdades existentes.

A concentração de renda e riqueza nas camadas superiores também desempenha um papel central na manutenção da estratificação social (Löwy, 1998). Aqueles que possuem acesso a bens materiais, redes de contato e capital cultural podem oferecer vantagens significativas às próximas gerações, perpetuando a posição social. Em contrapartida, a população de classes mais baixas enfrenta uma escassez de recursos e oportunidades, tornando a mobilidade social limitada e a reprodução da desigualdade cada vez mais rígida.

Estudos sobre estratificação e mobilidade social mostram que políticas públicas isoladas têm eficácia limitada quando não consideram a interdependência entre renda, educação e capital social (Löwy, 1998). Intervenções que visam apenas à redistribuição econômica sem fortalecer o acesso à educação de qualidade, saúde e redes de apoio tendem a reduzir parcialmente a desigualdade, mas não rompem os ciclos históricos de exclusão social. Assim, é necessário um enfoque integrado que articule múltiplas dimensões da desigualdade.

A segregação territorial também contribui para a reprodução da estratificação social, pois bairros mais pobres frequentemente apresentam menor acesso a infraestrutura, serviços públicos e oportunidades de emprego (Löwy, 1998). Essa geografia social reforça barreiras de mobilidade, evidenciando que a posição social é influenciada não apenas por fatores individuais, mas por contextos estruturais que delimitam oportunidades e perpetuam desigualdades espaciais e econômicas.

A dimensão cultural da estratificação social é igualmente relevante, pois normas, valores e percepções de prestígio moldam as expectativas de ascensão e o reconhecimento social (Löwy, 1998). Grupos socialmente subordinados enfrentam discriminação simbólica e cultural, que limita o acesso a espaços de poder, participação política e redes de influência, consolidando ainda mais as barreiras à mobilidade social e à equidade entre classes.

A análise da estratificação e da mobilidade social demonstra que a desigualdade de classe não pode ser compreendida apenas pela renda ou ocupação, mas deve ser examinada em múltiplas dimensões interligadas, incluindo histórico, cultural, econômico e simbólico (Löwy, 1998). A mobilidade social limitada evidencia que a reprodução de hierarquias é um fenômeno estruturante

da sociedade brasileira, exigindo políticas integradas e intervenções que considerem a complexidade das desigualdades para promover transformações reais e sustentáveis.

### 2.4.3. Dimensões para além da renda

As dimensões da desigualdade para além da renda demonstram que a distribuição financeira é apenas um dos aspectos da estratificação social, sendo insuficiente para explicar completamente as desigualdades existentes na sociedade contemporânea (Maruani & Meron, 2016). Pesquisas apontam que fatores como prestígio social, reconhecimento simbólico e acesso a redes de influência exercem papel central na manutenção de hierarquias, criando distinções de status que não se traduzem necessariamente em riqueza material, mas que influenciam profundamente as oportunidades de vida, a mobilidade social e a posição de indivíduos e grupos em diferentes contextos sociais.

O poder e a autoridade também se constituem como dimensões essenciais da desigualdade, sendo refletidos na capacidade de definir normas, influenciar decisões coletivas e acessar espaços de tomada de decisão, independentemente do nível de renda (Marx & Engels, 1980). A análise crítica evidencia que o capital econômico, por si só, não garante poder simbólico ou prestígio cultural; ao contrário, a desigualdade se mantém por meio da interseção entre múltiplas formas de capital — econômico, social e cultural — que reforçam vantagens acumuladas para determinados grupos, enquanto limitam a ascensão daqueles em posições historicamente subordinadas.

Estudos sobre o trabalho feminino, como os de Maruani e Meron (2016), demonstram que mulheres, especialmente em contextos racializados e de classes populares, enfrentam desvalorização tanto econômica quanto simbólica de suas atividades. A invisibilidade do trabalho doméstico e de cuidados exemplifica como a desigualdade se manifesta em termos de prestígio social, reforçando estereótipos e barreiras culturais que limitam o reconhecimento e a valorização de contribuições essenciais à sociedade. Essa combinação de fatores econômicos e simbólicos cria uma experiência de exclusão complexa que não pode ser medida apenas pela renda.

A educação e a qualificação profissional são outros elementos que evidenciam desigualdades para além da renda, pois a posse de diplomas e títulos nem sempre garante status ou influência em espaços de poder (Maruani & Meron, 2016). O prestígio social depende de reconhecimento cultural e histórico, e indivíduos de grupos marginalizados podem enfrentar discriminação que impede que suas qualificações resultem em mobilidade social ou visibilidade profissional, perpetuando a desigualdade estrutural.

A análise histórica do capitalismo, segundo Marx e Engels (1980), mostra que a concentração de poder está intrinsicamente ligada à propriedade dos meios de produção e à capacidade de controlar decisões econômicas e políticas. Essa perspectiva evidencia que a desigualdade social não é apenas uma questão de renda, mas também de acesso a mecanismos de poder que definem as regras do jogo social, mantendo privilégios acumulados por gerações e reproduzindo hierarquias mesmo em contextos de crescimento econômico.

Pesquisas recentes destacam que a interseccionalidade entre classe, gênero e raça intensifica as desigualdades simbólicas e de prestígio (Maruani & Meron, 2016). Mulheres negras, por exemplo, não apenas recebem salários menores, mas também enfrentam invisibilidade social e barreiras culturais que limitam seu reconhecimento público e acesso a posições de poder. Isso demonstra que políticas focadas exclusivamente em redistribuição de renda são insuficientes para enfrentar as múltiplas dimensões da desigualdade social.

O capital cultural, entendido como conhecimento, hábitos e competências valorizadas socialmente, também atua como determinante de status e poder simbólico (Marx & Engels, 1980). Indivíduos que possuem acesso a esse capital têm maior facilidade de mobilidade social e de inserção em espaços privilegiados, enquanto aqueles sem esses recursos enfrentam exclusão não apenas econômica, mas cultural e simbólica, tornando a desigualdade um fenômeno multifatorial e interligado.

O reconhecimento social está intimamente relacionado à legitimidade das atividades desempenhadas e ao valor atribuído a diferentes profissões e funções sociais (Maruani & Meron, 2016). Essa dimensão evidencia que desigualdades de prestígio e status muitas vezes operam independentemente da renda, criando hierarquias que se refletem na participação política, na representação social e na capacidade de influenciar decisões coletivas, reforçando exclusões históricas.

Compreender a desigualdade em suas múltiplas dimensões permite elaborar estratégias mais eficazes para enfrentá-la, considerando não apenas a redistribuição de renda, mas também o fortalecimento de políticas de reconhecimento simbólico, valorização do trabalho, ampliação de redes sociais e combate à discriminação estrutural (Marx & Engels, 1980; Maruani & Meron, 2016). Essa abordagem amplia a compreensão da desigualdade social, possibilitando intervenções integradas que promovam equidade, inclusão e justiça em diferentes esferas da vida social.

## 2.5. SISTEMAS SIMBÓLICOS E SUA FUNÇÃO POLÍTICA: GÊNEROS, RAÇAS E CLASSES SOCIAIS

Os sistemas simbólicos desempenham um papel central na política, funcionando como mecanismos que não apenas impõem, mas também legitimam a dominação de certos grupos sobre

outros. Eles atuam como instrumentos sutis de poder, capazes de reforçar a superioridade de uma classe social sobre outra, não apenas por meio de coerção direta, mas através da internalização de normas, valores e representações culturais, o que Bourdieu (1989) denomina violência simbólica**.** Essa forma de dominação é particularmente eficaz porque se apresenta como natural, inevitável ou legítima, levando os dominados a aceitarem seu próprio enquadramento social sem questionamento.

Conforme Weber, os sistemas simbólicos contribuem para a domesticação dos subordinados**,** moldando comportamentos, expectativas e percepções de mundo de forma a reproduzir continuamente a hierarquia social.

A função política desses sistemas não se limita à manutenção do poder econômico ou coercitivo; ela se manifesta também na esfera simbólica, sustentando relações de força ao naturalizar desigualdades estruturais e sociais. (Bourdieu, 1989, p. 11). Esses mecanismos simbólicos são particularmente evidentes nas categorias de gênero, raça e classe social, que, historicamente, têm servido como instrumentos para a manutenção de estruturas de poder e desigualdade. Ao naturalizar hierarquias e normalizar a exclusão social, os sistemas simbólicos operam de forma invisível, mas eficaz, condicionando a percepção e a ação dos indivíduos dentro das sociedades.

A violência simbólica, portanto, não se manifesta apenas através de coerção direta, mas por meio da internalização de normas, estereótipos e valores que reforçam a posição dominante de certos grupos sociais, tornando o controle social mais sutil e resistente à contestação.

> É assim que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados (Bourdieu, 1989, p. 11).

No que se refere à classe social**,** a análise de Mattos (2012) e Thompson permite compreender como o materialismo histórico oferece ferramentas críticas para identificar os mecanismos de reprodução da desigualdade. As classes dominantes não se sustentam apenas pelo controle econômico, mas também pelo monopólio simbólico sobre o que é considerado legítimo, moral ou culturalmente válido. Isso significa que a dominação não é apenas material, mas também simbólica, estruturando a percepção do que é possível ou desejável para os grupos subordinados. O capital cultural, neste sentido, funciona como uma extensão da força econômica, transformando-se em poder simbólico que perpetua a desigualdade ao moldar comportamentos, gostos e expectativas sociais.

Quando se analisa a questão de gênero**,** Moreno (2015) ressalta como o espaço urbano e as práticas cotidianas são atravessadas por relações de poder que refletem a interseção entre capital, trabalho e vida social. O gênero, nesse contexto, não é apenas uma categoria identitária, mas um sistema simbólico que orienta a divisão sexual do trabalho e legitima desigualdades. As mulheres, historicamente relegadas a espaços privados e trabalhos domésticos, vivenciam uma dupla subordinação: econômica e simbólica. A construção social do gênero, portanto, opera como mecanismo de dominação, moldando não apenas oportunidades, mas também modos de subjetivação que reforçam a naturalização de hierarquias sociais.

A questão racial, como enfatiza Munanga (2004), é também um exemplo paradigmático da violência simbólica. A categorização racial não possui base biológica objetiva, mas é construída socialmente para justificar a desigualdade histórica e estrutural. A raça torna-se, assim, um sistema simbólico que legitima exclusão, discriminação e marginalização. No contexto brasileiro, essa construção racial tem se articulado com questões econômicas e sociais, reforçando divisões de classe e consolidando hierarquias que atravessam o cotidiano das pessoas negras, criando barreiras de acesso à educação, emprego e cidadania plena.

Nogueira (1998) oferece evidências empíricas de como o preconceito racial se manifesta localmente, mostrando que as relações raciais em cidades médias, como Itapetininga, reproduzem desigualdades estruturais. A violência simbólica se manifesta não apenas em estigmas sociais, mas também em práticas cotidianas que naturalizam a discriminação racial. Esses sistemas simbólicos condicionam as oportunidades de mobilidade social e reforçam a percepção da inferioridade racial como algo “natural”, demonstrando que o racismo não é apenas um problema individual, mas uma estrutura social legitimada por símbolos e normas culturais.

A interseção entre gênero e raça é particularmente evidente no contexto do trabalho doméstico, como discutido pela OIT (2005). Mulheres negras ocupam posições historicamente desvalorizadas, muitas vezes precárias, refletindo uma sobreposição de desigualdades de gênero e raça. O trabalho doméstico evidencia como categorias simbólicas estruturam o mercado de trabalho e consolidam a subordinação social. A invisibilidade e a desvalorização dessas atividades não são acidentes, mas resultados de um sistema simbólico que legitima hierarquias e mantém a dominação social.

Do ponto de vista metodológico, Quivy e Campenhoudt (2008) oferecem ferramentas para investigar essas desigualdades de forma sistemática, mostrando que a análise da dominação simbólica requer métodos que combinem rigor empírico e sensibilidade teórica. A pesquisa em ciências sociais deve ser capaz de identificar não apenas as manifestações explícitas da desigualdade, mas também os mecanismos sutis de reprodução simbólica que operam em práticas,

discursos e instituições. A investigação desses sistemas simbólicos é crucial para compreender como a dominação se perpetua de forma naturalizada.

Richardson (1999) complementa essa perspectiva ao discutir métodos e técnicas de pesquisa social, enfatizando a importância de combinar abordagens qualitativas e quantitativas para captar a complexidade das relações de poder. A análise da dominação simbólica exige compreender tanto padrões estruturais quanto experiências subjetivas, pois os sistemas simbólicos operam simultaneamente em nível coletivo e individual. Somente a partir dessa abordagem integrada é possível mapear como categorias como gênero, raça e classe se entrelaçam e se reforçam mutuamente.

Santos (2015) retoma a perspectiva marxista ao discutir a questão racial no Brasil, destacando que a exploração econômica não pode ser compreendida separadamente das relações raciais. A dominação de classe e a dominação racial são interdependentes, e os sistemas simbólicos servem para naturalizar essas desigualdades. O racismo, nesse sentido, não é apenas um preconceito individual, mas uma função da estrutura social que garante a manutenção da hierarquia econômica e política, reproduzindo a posição de grupos dominantes sobre os subordinados.

A reflexão sobre violência simbólica também exige considerar o papel das instituições educacionais e culturais, que legitimam e transmitem categorias de poder. Escolas, mídia e religiões funcionam como veículos de transmissão de normas, estereótipos e valores que reforçam a hierarquia social. Bourdieu (1989) destaca que a dominação simbólica é eficaz justamente porque é aceita pelos dominados como legítima. Portanto, a reprodução da desigualdade não depende apenas de coerção direta, mas de um processo contínuo de socialização simbólica.

É fundamental, ainda, considerar a resistência e a contestação desses sistemas simbólicos. Movimentos sociais, feministas e antirracistas atuam para desconstruir categorias de dominação e revelar a arbitrariedade das hierarquias naturalizadas. Ao questionar o caráter “normal” das desigualdades, esses movimentos expõem os mecanismos simbólicos que sustentam a opressão e criam novas possibilidades de organização social baseada na igualdade. A resistência, nesse sentido, é tanto simbólica quanto política, desafiando a legitimidade dos sistemas de dominação.

A compreensão dos sistemas simbólicos e sua função política exige uma abordagem interdisciplinar, que articule sociologia, história, estudos de gênero e teoria racial. Apenas a partir de uma análise crítica e fundamentada é possível revelar como as relações de poder se reproduzem por meio de símbolos e categorias sociais, e como essas relações podem ser transformadas. O estudo de gênero, raça e classe como sistemas simbólicos não apenas ilumina as desigualdades

existentes, mas também fornece instrumentos teóricos e práticos para construir sociedades mais justas e igualitárias.

## 3. CONCLUSÃO

A diversidade social, quando compreendida em toda a sua complexidade, revela a riqueza das experiências humanas e a multiplicidade de perspectivas que constituem a vida em sociedade. Reconhecer a desigualdade de gênero, raça e classe social não significa apenas identificar injustiças, mas também valorizar a diferença como elemento que fortalece as comunidades e amplia horizontes. Ao olhar para a diversidade, é possível perceber que cada indivíduo traz consigo uma história, uma vivência e uma contribuição única, que pode enriquecer processos coletivos, decisões sociais e espaços de convivência. O enfrentamento das desigualdades, portanto, não se limita à eliminação de barreiras, mas envolve a criação de condições para que todos possam participar de maneira plena e significativa da vida social, econômica e cultural.

A promoção da diversidade social abre caminho para a construção de ambientes mais inclusivos e acolhedores, nos quais a colaboração e a empatia se tornam valores centrais. Em sociedades onde as diferenças são respeitadas, observa-se um fortalecimento do senso de pertencimento e da coesão social, criando condições para que indivíduos de diferentes origens e trajetórias possam compartilhar experiências, aprender uns com os outros e contribuir de forma ativa para o desenvolvimento coletivo. A valorização da diversidade também incentiva a criatividade, a inovação e a solução de problemas, pois ambientes plurais oferecem múltiplos pontos de vista e abordagens distintas diante de desafios comuns.

Quando as pessoas compreendem as barreiras enfrentadas por outros grupos, aumenta a empatia e o engajamento em ações voltadas para a equidade. Essa conscientização pode se traduzir em mudanças concretas na forma como nos relacionamos, na criação de oportunidades e na distribuição de recursos. Assim, a sociedade como um todo se beneficia, pois o desenvolvimento deixa de ser concentrado em poucos e passa a ser compartilhado, promovendo justiça e bem-estar para uma maior parcela da população.

A diversidade social também fortalece a identidade e a autoestima dos indivíduos. Ao serem reconhecidos e valorizados em suas especificidades, os grupos historicamente marginalizados encontram espaço para expressar suas culturas, saberes e habilidades. Esse reconhecimento não apenas corrige desigualdades históricas, mas também contribui para a construção de uma narrativa coletiva mais inclusiva, na qual todos os indivíduos podem se

enxergar como parte ativa da sociedade. O resultado é uma cultura social mais rica, que celebra a pluralidade e amplia o senso de pertencimento e solidariedade entre as pessoas.

Ademais, a promoção da diversidade e a redução das desigualdades fomentam mudanças estruturais que beneficiam gerações futuras. Investir na equidade de gênero, raça e classe significa criar sociedades em que crianças e jovens cresçam em ambientes justos, seguros e estimulantes, capazes de valorizar as diferenças e encorajar a participação plena de todos. Esse processo gera uma cultura de respeito e inclusão que se perpetua, tornando as comunidades mais resilientes e preparadas para enfrentar desafios futuros, ao mesmo tempo em que garante oportunidades de crescimento pessoal e coletivo.

É possível afirmar que a atenção à diversidade social não é apenas uma questão ética, mas uma oportunidade de fortalecimento social. Ao promover a igualdade de oportunidades e celebrar as diferenças, a sociedade constrói bases mais sólidas para a convivência democrática, o progresso e a justiça social. O reconhecimento da importância de gênero, raça e classe social na vida cotidiana incentiva atitudes de respeito, colaboração e valorização da pluralidade, mostrando que sociedades mais inclusivas são também sociedades mais humanas, criativas e harmoniosas, nas quais todos podem contribuir com seu potencial único para um futuro coletivo mais promissor.

## REFERÊNCIAS


BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

COLLINS, Patrícia Hill. **Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão.** In: MORENO, Renata (org.). Reflexões e práticas de transformação feminista. São Paulo: SOF, 2015.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, São Paulo, 1984.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. **A Classe Operaria Tem Dois Sexos. Estudos Feministas,** Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 85-93, jan. 1994.

HOFBAUER, Andréas. **Raça, cultura e identidade e o"racismo à brasileira".** In: BARBOSA, L. M. A.…et al. *De preto a afro-descendente: trajetos de pesquisa sobre o Negro, cultura negra e relações étnicos-raciais no Brasil.* São Carlos: EDUFSCar, 2003

HOOKS, Bell. **Da margem ao centro.** Boston: South End Press, 1984.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LATOUCHE, Serge. **A ocidentalização do mundo: ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária.** Petrópolis: Vozes, 1994.

LÖWY, Michael. "**A teoria do desenvolvimento desigual e combinado".** Outubro, n. 1, p. 73-80, 1998.

MARUANI, Margaret; MERON, Monique. **Como contar o trabalho das mulheres? França 1901-2011.** In: PAIVA, Alice Rangel; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa. Gênero e Trabalho no Brasil e na França: Perspectivas interseccionais. São Paulo: Boitempo, 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras Escolhidas.** São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

MATTOS, Marcelo Badaró. E. P. **Thompsom e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.

MORENO, Renata. **Entre o capital e a vida: pistas para uma reflexão feminista sobre as cidades.** In: _____ (org.) Reflexões e práticas de transformação feminista. São Paulo: SOF, 2015. 96p. (Coleção Cadernos Sempre viva. Série Economia e Feminismo, 4).

MUNANGA, Kabenguele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** In: BRANDÃO, André Augusto P. (org.). Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói: Eduff, 2004.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito de Marca: as relações raciais em Itapetininga**. São Paulo: Edusp, 1998.

OIT - ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Trabalho Doméstico e Igualdade de Gênero e Raça: desafios para promover o Trabalho Decente no Brasil.** Brasília: OIT, 2005.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais.** 3. ed. Lisboa: Gradiva, 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, R. E. **O marxismo e a questão racial no Brasil: reflexões introdutórias.** Lutas Sociais, São Paulo, v. 19, n. 34, p. 100-113, jan./jun. 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

STOLCKE, Verena. **"Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade?"** *Estudos Afro-Asiáticos,* (20): 101-119, junho de 1991.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 14. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

E-BOOK - 2025